

## **A CRÍTICA DA RAZÃO EM MICHEL DE MONTAIGNE**

**FLORIVALDO FLORIANO FERREIRA**

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Filosofia, realizada sob a orientação científica da Prof<sup>a</sup> Doutora Marta Mendonça**

**MARÇO DE 2012**

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup> Doutora Marta Mendonça, pela orientação sempre atenta, segura e criteriosa, pelos seus comentários preciosos, pelo incentivo, pela dedicação, pelo estímulo perseverante e por me ter sugerido o tema desta dissertação.

À Monica, minha esposa, pois sem o seu sacrifício e apoio, este trabalho permaneceria irrealizável.

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para este trabalho.

## **A CRÍTICA DA RAZÃO EM MICHEL DE MONTAIGNE**

**FLORIVALDO FLORIANO FERREIRA**

### **RESUMO**

O trabalho que se segue é uma leitura e comentário do capítulo “Apologie de Raymond Sebond”, Livro II, 12, de Michel de Montaigne. Trata-se de apresentar a crítica da razão abordada pelo autor. Com o pretexto de defender as ideias de Sebond, que em sua obra *Teologia naturalis*, de quem tinha traduzido do latim para o francês, que encontrava os fundamentos da fé na razão e punha o homem no primeiro nível da criação, o ensaísta apresenta de facto um pensamento muito pessoal. Recusa-se a dar valor à razão e põe o homem no mesmo nível dos animais. Vai sustentar a tese de que a razão não tem um valor de absoluta superioridade, conturbando desta forma, toda a tradição filosófica que depositava toda a confiança na razão, sobretudo como instrumento do conhecimento.

Esta dissertação é desenvolvida em quatro etapas. A primeira, abordará brevemente a concepção antropológica que subjaz na “Apologie”; em segundo lugar, pretende-se perceber com maior clarividência os motivos que levaram o autor a criticar a razão que é instrumentalizada na tarefa de justificação das chamadas verdades religiosas; em terceiro lugar, trata-se da crítica da ciência que é abordada no ensaio, onde o autor quer derrubar a tola vaidade e sacudir os fundamentos sobre os quais se constroem as falsas ideias produzidas pela ciência; na quarta e última etapa, pretende-se abordar a tese da impossibilidade de se formular, a partir da razão, um conjunto de normas, regras e leis com validade objectiva a qualquer grupo humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apologia, cepticismo, *Essais*, homem, Montaigne, razão.

# THE CRITIQUE OF REASON IN MICHEL DE MONTAIGNE

FLORIVALDO FLORIANO FERREIRA

## ABSTRACT

The following thesis is an interpretation and comment of the chapter “An Apology for Raymond Sebond”, book II, chapter 12 by Michel de Montaigne. It presents a critique of the reason the author approached. Using as a pretext to defend the ideas of Sebond, who in his work *Teologia naturalis*, that the author had translated from Latin into French, that identified the fundamentals of faith in reason and put man on the first level of creation, the essayist presents in fact a very personal idea. He refuses to empower reason and places man on the same level as animals. He supports the argument that reason is not superior, contradicting in this way the entire philosophical tradition, which placed all its trust on reason, most importantly as an instrument to acquire knowledge.

This thesis is structured in four parts. The first, briefly approaches the anthropological idea that underlies in “Apology”; the second aims to understand more profoundly the reasons that determined the author to critique the reason that is instrumental in the justification of the so-called religious truths. The third part deals with a critique of the science, which is discussed in the essay, where the author wants to overthrow the foolish vanity and shake the foundations on which are built the false ideas produced by science. In the fourth and last part, the thesis approaches the idea of the impossibility to formulate, based on reason, a set of norms, rules and laws with objective validity for any human group.

KEYWORDS: Apology, scepticism, *Essais*, man, Montaigne, reason.

## ÍNDICE

Introdução .....	6
1. A ideia do homem na “Apologie de Raymond Sebond” .....	9
2. A crítica à razão humana e a questão da religião .....	19
3. A crítica à razão e sua relação com a ciência .....	35
4. A crítica à razão humana e o relativismo da moral .....	52
Considerações finais .....	64
Bibliografia .....	69

## Introdução

---

O tema da razão é muito caro a Montaigne e central na sua obra. No presente trabalho, pretende-se abordá-lo a partir da “Apologie de Raymond Sebond” que faz parte do segundo livro dos *Essais*. Trata-se de um ensaio que é unanimemente reconhecido como sendo uma das referências mais importantes para quem pretenda compreender em profundidade os aspectos mais relevantes da crítica céptica à razão humana desenvolvida por Montaigne.

Com o pretexto de defender as ideias de Sebond<sup>1</sup>, Montaigne apresenta de facto um pensamento totalmente pessoal, independente do de Sebond. Em vez de responder às diversas objeções dos adversários da *Theologia naturalis*, Montaigne questiona de uma forma muito incisiva o poder da razão e “põe em xeque” este suposto poder. A crítica por ele desenvolvida não se limitou a rebaixar a filosofia “profissional”, a suspeitar de todo o conhecimento produzido pela ciência, mas atacou também duramente a pretensão humana de tudo querer conhecer através da razão, pretensão que se estende inclusivamente a Deus, através das grandes construções racionais da teologia. Como veremos, a razão não tem para Montaigne um valor supremo, nem é sinal de absoluta superioridade. Os limites do poder da razão são tão evidentes que se manifestam inclusivamente na incapacidade da razão de raciocinar sobre si mesma:

*“[A] Par où la voulons nous mieux esprouver que par elle mesme? S’il ne la faut croire parlant de soy, à peine sera-elle propre à juger des*

---

<sup>1</sup> Trata-se de Raymond Sebond. Da vida de Sebond, sabe-se muito pouco, como diz Montaigne: “[A] tout ce que nous sçavons, c’est qu’il estoit Espagnol” (*Les Essais*: II, 12, p. 440). Especula-se que nasceu em 1385 em Barcelona. Diz-se também que foi estudante na universidade de Toulouse e que foi reitor daquela universidade. Morreu em Toulouse em 1436, onde ensinava medicina e teologia. Sua obra magna “*Theologia naturalis sive Liber creaturarum*” (*Teologia natural ou livro das criaturas*), escrita em 1434-1436 e publicada em 1487, foi reimpressa várias vezes até aos meados do século XVII. Esta obra foi traduzida por Montaigne em 1569 a pedido de seu pai, Pierre Eyquem, senhor de Montaigne e antigo presidente da Câmara Municipal de Bordeaux, que se interessava muito por ela, conforme atestam os primeiros parágrafos da “Apologie”. Esta tradução foi o primeiro trabalho publicado e o que o lançou no mundo literário. “[A] Je trouvay belles les imaginations de cet autheur, la contexture de son ouvrage bien suyvie, et son dessein plein de pieté” (*Les Essais*: II, 12, p. 440).

Para as citações e referências dos *Ensaio*s, utilizaremos a edição de Villey-Saulnier, Paris: PUF/QUADRIGE, 2004. As citações serão feitas da seguinte forma: o número em algarismos romanos indica o livro, o primeiro número em arábicos, o capítulo, e o segundo número em arábicos, a página da edição. *Les Essais* foram publicados pela primeira vez em 1580 e eram constituídos por dois livros apenas. Pouco depois, Montaigne fez vários acréscimos nestes livros e compôs um terceiro e fez uma nova edição em 1588. Em 1592, o autor morre e deixa um exemplar com várias adições manuscritas, o chamado “exemplar de Bordeaux”, destinado a uma nova edição dos *Essais*. Indicaremos as três “camadas” do texto com as letras A (Edição de 1580), B (Edição de 1588) e C (adições posteriores a 1588, feitas ao exemplar de Bordeaux).

*choses estrangeres; si elle connoit quelque chose, aumoins sera ce son estre et son domicile. [...] la vraye raison et essentielle, de qui nous desrobons le nom à fauces enseignes, elle loge dans le sein de Dieu [...]”<sup>2</sup>.*

Compreender as razões do cepticismo de Montaigne significa, antes de mais, aprofundar os aspectos mais marcantes da sua antropologia. Por isso, começaremos por abordar, ainda que de forma breve, a concepção antropológica que está subjacente na “Apologie”. Com efeito, a razão – esse grande motivo de orgulho do homem, e que é considerada como um sinal da sua participação no ser – passa a ser concebida por Montaigne como um mero fruto da pretensão e vaidade humanas para explicar crenças, costumes, etc. Entre os alvos da crítica de Montaigne encontram-se aquelas teorias que põem o homem no “topo da pirâmide” das criaturas do universo. Enquanto Sebond coloca o homem no topo da escala dos seres, Montaigne, recoloca-o no seio da natureza e rebaixa-o ao nível dos animais.

Pretendemos deste modo compreender melhor as razões do “destronamento” realizado por Montaigne deste ser “todo-poderoso” que é o homem. Ou, o que é o mesmo, pretendemos compreender o “cepticismo da razão” que Montaigne assume conscientemente com o intuito de rejeitar a pretensão do homem de se considerar, pela interposição da razão, no centro do universo.

Em segundo lugar, para compreender o lugar e o valor da razão na obra de Montaigne, será necessário investigar os motivos que levaram o autor a tecer uma crítica tão contundente da razão humana, aprofundando em concreto as relações que esta crítica tem com a sua análise da religião. Há que ter em conta, no entanto, que a atitude de desconfiança da razão, não conduziu Montaigne a pôr em causa a fé cristã, dado que, em seu entender, esta se situa num plano diferente, não sendo portanto susceptível de ataque pelo seu espírito crítico.

A pertinência desta questão ressalta quando se tem em conta que o autor inicia o seu texto a partir de uma motivação teológica: podemos conhecer racionalmente Deus? Montaigne dedica um número significativo de páginas a mostrar que os atributos divinos não são alcançáveis pelos exercícios racionais dos homens detentores das “verdades filosóficas”. Como fideísta, Montaigne pensa que a verdade em religião se baseia, em última instância, na fé e não no raciocínio ou na demonstração. Pretende-se

---

<sup>2</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 541.

compreender neste ponto com faz Montaigne a transição da crítica teológica à crítica do conhecimento em geral.

Na mesma linha de compreensão dos limites da razão, será importante aprofundar, num terceiro momento, a crítica da ciência desenvolvida por Montaigne na “Apologie”. Montaigne quer derrubar a tola vaidade e sacudir viva e corajosamente os fundamentos ridículos, como ele mesmo diz, sobre os quais se constroem as falsas ideias produzidas pela ciência.

Encontramos também nesta parte um número significativo de citações de filósofos antigos que Montaigne referencia para justificar a sua crítica radical à ciência. Para ele os mais famosos filósofos, representantes do saber humano, não conseguiram dar as verdadeiras respostas às questões fundamentais do ser humano. Quais são as verdades, as certezas sobre o homem e sobre Deus que esses sábios filósofos nos legaram?

Em quarto e último lugar, será importante considerar de que modo Montaigne relaciona a razão humana e a moral. Naturalmente, não será possível considerar detidamente o tema da moral na “Apologie”; trata-se apenas de procurar perceber por que razão o autor “decreta” a impossibilidade de fundamentar na razão um conjunto de regras, normas e leis que dizem respeito à vida prática de qualquer grupo humano. Procurar-se-á reconstituir os vários argumentos de Montaigne que justificam a sua tomada de posição relativista no âmbito da moral.



## 1. A ideia do homem na “Apologie de Raymond Sebond”

---

Quando nos colocamos diante do desafio de estudar os *Essais* de Michel de Montaigne, uma questão que importa perceber melhor é o período no qual o autor escreveu a sua obra. Mais especificamente, estudar o humanismo renascentista, tendo em vista que o autor dos *Essais* é considerado como um pensador deste período. Abordaremos, no entanto, apenas alguns aspectos importantes daquela época.

Montaigne viveu num período em que emergia uma nova visão do mundo, em que o homem passou a ser o centro das atenções em todos os aspectos. O geocentrismo medieval, que centrava suas atenções na relação com Deus, foi substituído pela glorificação do humano. As pessoas interessadas nesta ruptura com os ideais medievais buscavam inspiração nas obras greco-romanas para representarem o seu próprio mundo.

O humanismo renascentista concebe-se como um movimento intelectual de valorização da antiguidade clássica. Não se tratava, porém, apenas de copiar as realizações do classicismo greco-romano. Este movimento representou algo que pode ser considerado como uma “glorificação do homem”, agora colocado no centro de todas as indagações e preocupações; consistia, em sentido amplo, numa tomada de posição antropocêntrica em reacção ao teocentrismo que imperava na Idade Média.

Os humanistas deixaram de aceitar os valores e maneiras de ser e viver da Idade Média. Por conseguinte, o interesse pela antiguidade experimenta-se como um meio para atingir um fim. Os humanistas viam na antiguidade:

*“[...] aquilo que correspondia aos desejos que sentiam [...] Pretendiam encontrar nos antigos o Homem, considerado como o ser geral, impessoal, universal, que existe, sob a mesma forma, em toda parte [...]. O humanismo é uma técnica da vida cotidiana”<sup>3</sup>.*

A produção intelectual deste período concebia-se, não como um retorno ao passado, mas como uma tentativa de buscar nos clássicos greco-romanos uma fonte de inspiração. O humanismo renascentista, além de representar uma forte reacção a todos os padrões culturais medievais escolásticos, tendeu também fortemente a contrapor a fé e a razão.

Na sua globalidade, a reflexão dos *Essais* tem como um dos seus objectivos principais a caracterização do homem. Nesta perspectiva, Michel de Montaigne se

---

<sup>3</sup> AA. VV. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983: p. 70.

apresenta como um pensador humanista que viveu numa altura em que a visão antropocêntrica era dominante. No entanto, ele procurou superar esta concepção de uma maneira muito particular. A concepção antropológica clássica renascentista enaltecia radicalmente a “*dignitas hominis*”<sup>4</sup>, colocando o homem no centro do universo. Montaigne assume uma postura significativamente diferente do espírito humanista renascentista; despreza o tema da *dignitas hominis* e dedica-se à investigação das coisas concretas da vida.

O humanismo de Montaigne, ao contrário do humanismo dominante, alicerça-se na “*miseria hominis*”<sup>5</sup>. Parte de plena consciência dos limites da razão humana, no sentido de que as suas faculdades não têm condições para transcender estes mesmos limites. A razão, o grande orgulho do homem, é concebida como uma estratégia de racionalização dos vários elementos da vida (costumes, crenças, etc.), que procura transformar, atribuindo-lhe uma verdade que não consegue transcender a contingência. Põe-se assim em destaque até que ponto a posição de Montaigne contrasta com a visão de “*dignitas hominis*”, acima referida, a mais comumente assumida na sua época. Para ele o homem só pode ser o que é, e imaginar de acordo com a sua medida:

“[C] Tout contentement des mortels est mortel. [A] La reconnoissance de nos parens, de nos enfans et de nos amis, si elle nous peut toucher et chatouiller en l'autre monde, si nous tenons encore à un tel plaisir, nous sommes dans les commoditez terrestres et finies. Nous ne pouvons dignement concevoir la grandeur de ces hautes et divines promesses, si nous les pouvons aucunement concevoir: pour dignement les imaginer, il

---

<sup>4</sup> Para ilustrar as principais características desta concepção, vale a pena citar um texto muito conhecido de um dos maiores representantes do humanismo renascentista: Pico della Mirandola. O texto em causa pode ser considerado como uma espécie de manifesto do pensamento humanista renascentista em geral. Pico exalta o homem entre todos os seres da natureza e dos céus como um ser potencialmente capaz de auto-criar-se, de auto-projectar-se e de modelar-se a si mesmo com liberdade. Pico “coloca na boca de Deus” algumas palavras endereçadas imaginativamente ao homem recém-criado (Adão): “[...] *Medium te munde posui, ut circumspiceres inde commodius quicquid est in mundo. Nec te caelestem neque terrenum, neque mortalem neque immortalem fecimus, ut tui ipsius quasi arbitrarius honorarius que plastes et fctor, in quam malueris tute formam effingas. Poteris in inferiora quae sunt bruta degenerare; poteris in superiora quae sunt divina ex tui animi sententia regenerari*” (Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo). In.: Pico de la Mirandola, Giovanni. *Oratio de Hominis Dignitate*. Edição bilingue. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001: pp. 56-57).

<sup>5</sup> Para uma apresentação sintética e clara deste tema pode-se consultar: Friedrich, Hugo. *Montaigne*. Traduzido do alemão por Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1967, sobretudo as páginas 133-136. Nesta mesma perspectiva, na obra de Rui Bertrand Romão, *A Apologia na balança: a reinvenção do pirronismo na Apologia de Raimundo Sabunde de Michel de Montaigne*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007, há uma reflexão que merece ser lida (pp. 79-82).

*faut les imaginer inimaginables, indicibles incompréhensibles, [C] et parfaitement autres que celles de notre misérable expérience”<sup>6</sup>.*

Constatando esse limite da razão humana, Montaigne combate decididamente as concepções da “*dignitas humanis*” que têm como escopo transformar o homem no fim último da natureza. Montaigne, ao voltar-se para o homem concreto, ao rebaixá-lo e tirá-lo do seu pedestal, na “Apologie”, assume uma atitude céptica, entendida como uma forma de pensamento capaz de seguir a mudança e de rejeitar, ao mesmo tempo, a pretensão do homem de se considerar, por via da razão, no centro do universo.

Cabe então perguntar: será que o homem ocupa realmente um lugar central nos *Essais*? A resposta a esta questão é expressa, de maneira bastante nítida, na própria obra. Friedrich, no seu conhecido trabalho sobre Montaigne afirma:

*“[A] On peut ouvrir les Essais où l’on veut, toujours ils traitent de l’homme”<sup>7</sup>.*

Há muitos outros temas desenvolvidos nos *Essais*. Basta lançar um rápido olhar sobre os títulos dos vários ensaios que compõem os três livros da obra para constatar a quantidade enorme de assuntos tratados por Montaigne.

Na sua busca incessante de resposta à questão central antes referida, merece ser destacado o contacto de Montaigne com a obra de Sebond *Theologia Naturalis* que será a base da “Apologie”. Entre muitas outras questões desenvolvidas nesta obra, o teólogo catalão tem como objectivo importante responder à questão: o que é o homem? Citando o próprio Sebond, Rui Bertrand Romão afirma que há uma ideia básica de ordem hierárquica, observada na *scala naturale* em todos os seus 4 degraus:

*“No inferior estão as coisas apenas providas de ser, as coisas minerais; no segundo, as que têm ser e vida, as vegetais; no terceiro, as animais, em que ao ser e à vida se juntam os sentidos; no último, encontra-se a criatura humana, acima da qual não há na natureza nenhum outro ser, pois o homem possui as qualidades de todas as demais criaturas simultaneamente e em conjunto, tendo além delas, a razão e o livre-arbítrio [...]”<sup>8</sup>.*

Continua o autor mais adiante,

*“[...] A característica dominante da teologia de Sebond consiste precisamente no lugar privilegiado que nela ocupa a referência do homem, não apenas como objecto de conhecimento, mas como meio da*

---

<sup>6</sup> *Les Essais*: II, 12, p.518.

<sup>7</sup> Friedrich: *op. cit.*, p. 105.

<sup>8</sup> Romão, Rui Bertrand: *op. cit.*, p. 90.

*obtenção deste. A reflexão antropológica polariza o seu pensamento filosófico e lhe contamina o sistema teológico”<sup>9</sup>.*

É importante destacar aqui uma ideia desenvolvida por Ernst Cassirer na sua obra *Ensaio sobre o Homem*<sup>10</sup>. Segundo este autor, a questão acerca do homem no período renascentista depara-se com a descoberta de um novo instrumento de pensamento: entra em cena o espírito científico, no sentido moderno da palavra. O que agora se procura é uma teoria geral do homem baseada em observações empíricas e em princípios lógicos gerais. A nova cosmologia, o sistema heliocêntrico copernicano, passa a ser a única base sã e científica para uma nova antropologia. Nem a metafísica clássica, nem a religião (com a sua estrutura teórica fundada na teologia medieval) estavam preparadas para esta tarefa, lembra o autor. Estas duas cosmologias concebem o universo como uma ordem hierárquica em que o homem ocupa o lugar mais alto. A pretensão humana de ser o centro do universo perdeu o seu fundamento. Cassirer afirma ainda que o sistema de Copérnico se tornou um dos mais fortes instrumentos do cepticismo filosófico que se desenvolveu no século XVI.

Montaigne, sendo um pensador livre, que conseguiu libertar-se da concepção antropológica medieval e renascentista, também não necessitou de recorrer às ideias científicas vigentes na altura da redacção dos *Essais*. Isto não significa que tenha ignorado por completo a teoria heliocêntrica de Copérnico, mas sim que, como escreve Conche:

*“Il n’a pas eu besoin de Copernic pour trouver ridicule la prétension de l’homme de se faire centre du cosmos”<sup>11</sup>.*

Antes de iniciar o seu longo relato (de mais ou menos uma meia centena de páginas) no qual compara os homens aos animais, Montaigne faz uma afirmação de capital importância que serve como uma espécie de conclusão antecipada daquilo que afirma negativamente sobre o homem e sua relação com o universo:

*“[A] La presumption est nostre maladie naturelle et originelle. La plus calamiteuse et fraile de toutes les creatures, c’est l’homme, et quant et quant la plus orgueilleuse. Elle se sent et se void logée icy, parmy la bourbe et le fient du monde, attachée et clouée à la pire, plus morte et croupie parti de l’univers, au dernier estage du logis et le plus esloigné de la voute celeste, avec les animaux de la pire condition des trois (Les aériens, les aquatiques et les terrestres); et se va plantant par*

---

<sup>9</sup> *Idem*: p. 113.

<sup>10</sup> Cassirer, Ernst. *An essay on man*. Tradução portuguesa de Carlos Branco: *Ensaio sobre o homem*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995: p.24.

<sup>11</sup> Conche, Marcel. *Montaigne et la philosophie*. Paris: Puf, 1996: p. 7.

*imagination au dessus du cercle de la Lune et ramenant le ciel sous ses pieds. C'est par la vanité de cette mesme imagination qu'il s'egale à Dieu, qu'il s'attribue les conditions divines, qu'il se trie soy mesme et separe de la presse des autres creatures, taille les parts aux animaux ses confreres et compaignons, et leur distribue telle portion de facultez et de forces que bon luy semble. Comment cognoit il, par l'effort de son intelligence, les branles internes et secrets des animaux? par quelle comparaison d'eux à nous conclue il la bestise qu'il leur attribue? [C] Quand je me jouë à ma chatte, qui sçait si elle passe son temps de moy plus que je ne fay d'elle”<sup>12</sup>.*

O homem quer ser senhor de todo o universo. A sua atitude de querer ser uma excepção na natureza não passa de uma atitude ilusória. O homem é, segundo Montaigne, uma criatura como as outras que pode ser diferenciada, não pela capacidade de raciocinar, mas apenas pela presunção de querer destacar-se orgulhosamente, tornando-se “o todo-poderoso” face às outras criaturas. Esta sua pretensão de querer ser a única criatura que pode conhecer e dominar o universo é radicalmente contestada por Montaigne na “Apologie”. É com muita clarividência que Conche, reflectindo sobre este tema, afirma:

*“On voit pourquoi Montaigne s’efforce de retrouver chez l’animal, “intelligence”, “discretion”, “jugement”, “ratiocination”, capacité de “consulter”, de “conclure”, “science et prudence”<sup>13</sup>.*

Que tipo de competência nossa não reconhecemos nos actos dos animais? Esta questão fundamental leva Montaigne a apresentar os seus relatos anedóticos<sup>14</sup>. O interesse da sua apologia dos animais é “[...] *paradoxalment l’homme. Montaigne recherche l’homme dans l’animal [...] c’est pour lutter contre l’anthropocentrisme*”<sup>15</sup>.

Montaigne inicia a sua exposição perguntando-se:

*“[A] Est-il police réglée avec plus d’ordre, diversifiée à plus de charges et d’offices, et plus constamment entretenuë que celle des mouches à miel?”<sup>16</sup>.*

E faz questão também de descrever o engenho das andorinhas, ao construírem os seus alojamentos, e das aranhas, ao confeccionarem as suas teias. Diante destas obras destes pequeninos animais, Montaigne observa:

<sup>12</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 452.

<sup>13</sup> Conche, Marcel. *Montaigne et la philosophie*. Paris: Puf, 1996: p. 9.

<sup>14</sup> “Fidèle aux procédés de compilation de son temps, Montaigne accumule les exemples empruntés à Pline, à Plutarque, à Arrien, à Aulu-Gelle, à Lucrèce, à Virgile, à Sextus Epiricus” (cf. Weiler, Maurice. *Pour connaître la pensée de Montaigne*. Bordas, 1948: p. 38).

<sup>15</sup> Giocanti, Sylvia. *Montaigne et les bêtes: la bêtise et l’animal dans Les Essais de Montaigne*. Université de Toulouse. 2011: p. 1

<sup>16</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 454-455.

*“[A] Nous reconnoissons assez, en la pluspart de leurs ouvrages, combien les animaux ont d’excellence (supériorité) au dessus de nous et combien nostre art est foible à les imiter”<sup>17</sup>.*

Quanto à capacidade de comunicação, Montaigne afirma que os animais possuem este atributo. Falamos com os cães<sup>18</sup> e eles respondem-nos. É evidente que utilizamos uma outra linguagem para conversarmos com eles. Montaigne observa que também entre nós humanos há diferenças de linguagem, de acordo com a diferença de regiões. Estas diferenças também se encontram nos animais da mesma espécie<sup>19</sup>.

Segundo o nosso autor, há certamente uma diferença de ordem e de grau entre os homens e os animais; contudo *“[A] c’est sous le visage d’une même nature”<sup>20</sup>*. Ao constatar a peculiaridade do homem em face das outras criaturas, Montaigne destaca o facto de que o homem é detentor da liberdade de imaginação. No entanto,

*“[A] ce desresglement de pensées, luy représentant ce qui est, ce qui n’est pas, et ce qu’il veut, le faux et le veritable, c’est un avantage qui luy est bien cher vendu et duquel il a bien peu à se glorifier, car de là naist la souce principale des maux qui le pressent: peché, maladie, irresolution (inconstance), trouble, desespoir”<sup>21</sup>.*

Citando Lucrécio<sup>22</sup>, Montaigne deixa transparecer que o homem se prejudica a si mesmo, porque não se mantém dentro dos limites da organização da natureza, que se manifesta de uma maneira inteligível e às vezes até hostil, submetendo o homem à necessidade de leis que não lhe são suficientemente claras<sup>23</sup>.

---

<sup>17</sup> *Les Essais*: II, 12, p.455.

<sup>18</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 458.

<sup>19</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 458-459.

<sup>20</sup> *Les Essais*: II, 12, p.459.

<sup>21</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 460.

<sup>22</sup> “[B] *“res quaeque suo ritu procedit, et omnes Foedere naturae certo discrimina servant”* (Chaque chose se développe à sa manière, et toutes conservent les différences établies par l’ordre immuable de la nature). Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 459.

<sup>23</sup> Expressando a sua visão da natureza, Montaigne observa que, ao considerar que ela nos criou diferentes dos outros animais, isto é, nus sobre a terra nua, atados, cercados, não tendo com que armar-nos, cobrir-nos [...] somos tentados a chamá-la de *“très injuste marâtre”*. Mas isto não é assim. A nossa organização do mundo não é tão disforme e desregrada. A natureza abraçou universalmente todas as suas criaturas e não há nenhuma que ela tenha provido plenamente de todos os meios necessários para a conservação da existência: *“[C] c’est une même nature qui roule son cours”* (cf. *Les Essais*: II, 12, p.467). Reflectindo sobre o tema da natureza nos *Essais*, Pierre Villey afirma que ela se opõe essencialmente à razão humana, e é natural tudo o que a razão não contaminou. Afirma Villey: *“[...] c’est chez les animaux et chez les sauvages qu’on trouve les traces les moins corrompues de la nature. L’état de nature, dans cette conception radicale, c’est l’état de sauvagerie [...]. L’admiration pour les andiens, c’est la forme paradoxale que prend chez lui de temps à autre son principe d’imitation de la nature”* (In: Villey, Pierre. *Les sources et l’évolution des essais de Montaigne* - Tome second. Paris: Librairie Hachete, 1908: p.228). Isto não quer dizer que devemos imitar os indígenas, por exemplo, em todos os seus costumes, tradições, etc.

Continuando a apologia dos animais, Montaigne sugere que concebamos que os animais não obedecem a instintos de uma forma cega. O relato que apresenta da raposa da Trácia<sup>24</sup> é um dos seus exemplos clássicos neste sentido. Antes de se arriscar sobre a água gelada, a raposa aproxima o ouvido do gelo para ouvir de que profundidade sobre o murmúrio da água a correr em baixo, isto é, ela “raciocina” como faríamos nós em idênticas circunstâncias: o que faz barulho mexe; o que mexe não está gelado; o que não está gelado é líquido e o líquido cede sob o peso. Segundo Montaigne, atribuir isto simplesmente a uma vivacidade do sentido da audição, sem raciocínio e sem conclusão, é uma quimera inconcebível.

Segundo Montaigne, não é só o homem que sabe escolher o que é bom e o que não é bom para a sua vida e sobretudo para o socorro nas doenças, através da ciência e do conhecimento construídos por arte e por raciocínio:

*“[A] Et, quand nous voyons les chevres de Candie, si elles ont receu un coup de traict, aller entre un million d’herbes choisir le dictame pour leur guerison; et la tortue, quand elle a mangé de la vipere, chercher incontinent de l’origanum pour se purger; et le dragon fourbir et esclairer ses yeux avecques du fenouil; les cigouignes se donner elles mesmes des clysteres à tout de l’eau de marine [...] pourquay ne disons nous de mesmes que c’est science et prudence?”<sup>25</sup>.*

É fácil ver aqui quanto Montaigne deseja que o homem reconheça que os animais possuem também ciência e sabedoria. Em seu entender, os animais também são capazes de ser instruídos à moda humana:

*“[A] Les merles, les corbeaux, les pies, les perroquets, nous leur aprenons à parler [...] ils ont un discours au dedans, qui les rend ainsi disciplinables et volontaires à apprendre”<sup>26</sup>.*

Muitos animais aproximam-se da capacidade do homem e isto leva Montaigne a afirmar:

*“[A] qu’il se trouve plus de différence de tel homme à tel homme que de tel animal à tel homme”<sup>27</sup>.*

Podemos encontrar na “Apologie” muitos outros exemplos em que Montaigne defende a ideia de que os animais possuem diversas capacidades semelhantes às dos humanos<sup>28</sup>. Uma vez numerados todos estes atributos dos animais Montaigne afirma:

---

<sup>24</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 460.

<sup>25</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 462-463.

<sup>26</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 463.

<sup>27</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 466.

*“[A] La manière de naistre, d’engendrer, nourrir, agir, mouvoir, vivre et mourir des bestes estant si voisine de la nostre, tout ce que nous retranchons de leurs causes motrices et que nous adjoustons à nostre condition au dessus de la leur, cela ne peut aucunement partir du discours de nostre raison”<sup>29</sup>.*

Pierre Villey, ao reflectir sobre estas comparações, suscita uma questão relevante, que não é possível ignorar:

*“[...] quand il exalte l’intelligence des animaux, on peut se demander ce qu’il en pense au juste”<sup>30</sup>.*

Não querendo entrar na discussão deste assunto - até porque o próprio Montaigne não o fez - é importante notar que, se estes relatos montaigneanos fossem tomados à letra, não nos faltariam motivos de troça. Poderíamos duvidar de muitas afirmações acerca dos animais apresentadas por ele. Fazendo um esforço por deixar à margem os exageros, o humor e a liberdade literária do autor – que têm como objectivo rebaixar o homem, recolocando-o entre os animais e mostrando-lhe que a sua razão, grande motivo de orgulho, não lhe garante um lugar no topo da pirâmide das criaturas – o que importa destacar é que Montaigne pretende acentuar uma grande semelhança entre os homens e os animais:

*“[A] Nous ne sommes ny au dessus, ny au dessous du reste: tout ce qui est sous le ciel, dit le sage, court une loy et fortune pareille, [B] Indupedita suis fatalibus omnia vinclis (Toutes les choses sont enchainés par les liens de leur propre destinée)”<sup>31</sup>*

---

<sup>28</sup> Vejamos resumidamente outros atributos dos animais destacados pelo autor: os cães que servem aos cegos, tanto nos campos como nas cidades; cães que representavam papéis no teatro (p.463); bois que serviam nos jardins reais de Susa (p.464); nos espectáculos de Roma, viam-se elefantes treinados em movimentar-se e em dançar (p.465); a pega que imitava com a voz tudo o que ouvia (p.464); os elefantes que têm alguma participação religiosa (p.468); formigas que têm um jeito muito especial de comunicação mútua (p.469); o ouriço que prevê a direcção do vento (p.469); o camaleão e o polvo que mudam de cor conforme a ocasião (p.469); o voo dos pássaros que é resultado não apenas da organização natural, mas também do entendimento, consentimento e raciocínio (p.469); os animais que servem seus donos sabem amá-los, defendê-los (p.461); o cão, o cavalo sabem prezar amizade (p.471); os animais são muito mais regrados do que nós e se contêm com muito mais moderação nos limites que a natureza nos prescreveu (p.472); os animais não promovem a guerra (p.473); o cão é mais fiel do que o homem (p.476-7); quanto à gratidão, os animais têm esta capacidade (p.477-8); os atuns têm conhecimentos, geométricos, astronómicos e aritméticos (p.479-480); o elefante tem a capacidade de arrependimento e reconhecimento dos erros (p.480); o tigre tem capacidade de ser clemente (p.480); enfim, Montaigne atribui todas estas características e outras mais aos animais, mostrando que elas são, erradamente, consideradas como unicamente posse dos humanos.

<sup>29</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 470.

<sup>30</sup> Villey: *op. cit.*, p. 186.

<sup>31</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 459



Desta perspectiva, podemos compreender melhor a razão do “destronamento” deste ser “todo-poderoso” que é o homem levado a cabo por Montaigne<sup>32</sup>.

Depois de ter destacado a ideia de que o homem se assemelha aos animais e vice-versa, Montaigne sustenta que a forma corporal do homem é o que constitui a sua peculiaridade face aos animais. É ela que “define” a identidade do homem:

*“[B] Ce n’est donc pas par la raison, par le discours et par l’ame que nous excellons sur les bestes; c’est par nostre beauté, nostre beau teint et nostre belle disposition de membres, pour laquelle il nous faut mettre nostre intelligence, nostre prudence et tout le reste à l’abandon”*<sup>33</sup>.

A sugestão de Montaigne é que o homem não pode ser pensado sem o seu corpo, elemento essencial de sua condição humana. O homem não pode continuar a ser concebido apenas como ser racional. Montaigne põe em causa a clássica concepção de que só o homem é constituído de racionalidade. O seu objectivo não é encontrar uma nova definição do homem; não deseja decretar a inferioridade do homem nem tampouco a sua superioridade face aos animais. Não tem em vista promover uma competição ridícula entre os seres da natureza. Montaigne sente-se incapaz de dar qualquer definição com o auxílio da razão humana. Ignora qual é a essência dos animais; não os conhece. Da mesma forma podemos dizer que, à luz da “Apologie”, Montaigne não consegue definir o homem. Não é possível elaborar juízos constantes e uniformes, nem sobre o homem, nem a partir dele.

Dito de outra forma, o “cepticismo da razão” que Montaigne assume conscientemente, visa rejeitar a pretensão do homem de se considerar, por via da razão, no centro do universo.

Montaigne, com os seus ensaios, quer ir directo às coisas e aos homens. É claro que teve pouco contacto com o chamado movimento científico do seu tempo. Longe de

---

<sup>32</sup> Friedrich ao analisar a questão do lugar que, segundo Montaigne, corresponde ao homem, diz: “*A la question de savoir quelle place occupe l’homme dans la totalité du monde existant, Montaigne ne donnera jamais la réponse plotinienne selon laquelle il serait, dans la chaîne des êtres émanés, un dernier maillon rétablissant la communication avec la source de l’émanation, l’Um primordial. Ni la réponse chrétienne, selon laquelle l’homme constituerait le couronnement terrestre de la création, tout le crée lui étant subordonné, et Dieu étant allé pour lui jusqu’à se résoudre à intervenir dans l’histoire du salut. L’homme de Montaigne est plutôt un point dans l’univers, sans espoir que le destin ni la divinité s’intéresse jamais à lui. Il partage cette insignifiance de point avec le milieu dans lequel il vit, patrie, État, continent, terre, animaux et plantes. Il n’est plus un centre, il est plongé dans la multitude de tout ce qui existe, ignorant ce qui l’en distingue, et s’y sentant chétif, - bien préservé pourtant au coeur de son insignifiance, de son ignorance, et déchargé de tout embarras. Il y a au fond de cette pensée des idées de Lucrèce. Montaigne les transforme pour leur faire exprimer sa propre conscience de la vie, dont il précise les grandes lignes en la délimitant par rapport aux affirmations posant la dignité de la nature humaine (cf. op. cit., p.131).*

<sup>33</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 486.

toda a construção teórica, esforça-se por encontrar nele mesmo e nos outros o homem tal como é, sem o falso semblante que lhe acrescentam as pretensiosas doutrinas que o definem pela sua relação com o universo e com Deus.

## 2. A crítica à razão humana e a questão da religião

---

Segundo Montaigne, as pessoas que se gabam do conhecimento estão sempre a tentar explicar quais são os atributos de Deus através de complicados conceitos e demonstrações ininteligíveis. Em seu entender, Deus e as verdades da religião são nitidamente questões de fé e não noções filosóficas. Que isto é assim, prova-o o facto de que estas noções são sempre muito diversas e originam muita discórdia entre os inúmeros autores que delas se ocupam. Uma coisa é Deus e outra coisa totalmente diferente é o que pensam os homens a respeito de Deus:

*“[A] Il m'a tousjours semblé qu'à un homme Chrestien cette sorte de parler est pleine d'indiscretion et d'irreverence: Dieu ne peut mourir, Dieu ne se peut desdire, Dieu ne peut faire cecy ou cela. Je ne trouve pas bon d'enfermer ainsi la puissance divine sous les loix de nostre parolle. Et l'apparence qui s'offre à nous en ces propositions, il la faudroit représenter plus reveremment et plus religieusement”<sup>34</sup>.*

*“[A] Dieu ne peut faire les mortels immortels; ny revivre les trespassez; ny que celui qui a vescu, n'ait point vescu; celui qui a eu des honneurs, ne les ait point eus: n'ayant autre droit sur le passé que de l'oubliance. [...] Voylà ce qu'il dict, et qu'un Chrestien devroit éviter de passer par sa bouche. Là où au rebours, il semble que les hommes recherchent cette fole fierté de langage, pour ramener Dieu à leur mesure. [...] nostre parole le dict, mais nostre intelligence ne l'apprehende point”<sup>35</sup>.*

Para compreender o lugar e o valor da razão na “Apologie”, é necessário investigar os motivos que levaram o autor a tecer uma crítica tão contundente da razão humana, aprofundando em concreto as relações que esta crítica tem com a sua análise da religião e com o poder de Deus expresso em todo o desenvolvimento do texto. Para esta abordagem teremos como base o preâmbulo da “Apologie de Raymond Sebond”<sup>36</sup>.

A “Apologie de Raymond Sebond” é o mais longo capítulo da obra *Les Essais*. Neste texto, Montaigne propõe-se apresentar a “defesa de um teólogo” do século XVI.

Montaigne, começa por caracterizar a situação histórica na qual a obra de Sebond chegou às mãos de seu pai, por intermédio do humanista Pierre Brunel (1499-1546)<sup>37</sup>. Segundo Montaigne, trata-se de um livro adequado para a época. Isto porque as

---

<sup>34</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 527.

<sup>35</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 528.

<sup>36</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, pp. 438-449. Montaigne, sobretudo nestas páginas iniciais, opõe a religião à razão humana, demonstrando, por um lado, a incapacidade e os limites desta faculdade que é motivo de orgulho do homem; e, por outro, esse “instrumento” de conhecimento ligado à graça divina, que é a fé.

<sup>37</sup> Montaigne admirava muito este humanista, que gozava de grande reputação na sua época por causa de seu saber (*Les Essais*: II, 12, p. 439).

novidades de Lutero começavam a estar em voga e a abalar em muitos lugares a antiga crença cristã<sup>38</sup>. Para Montaigne, que era um pensador católico conservador, a Reforma Protestante era vista como algo perigoso para a religião estabelecida. Globalmente não concordava com as contestações provocadas pelo espírito da Reforma, sobretudo porque poderiam levar os homens à prática do ateísmo, especialmente os menos doutos.

Uma leitura do texto põe de imediato em evidência em que medida Montaigne se distancia de Sebond em termos argumentativos. Parafraseando Villey, a defesa de Sebond será rapidamente esquecida<sup>39</sup>. Montaigne observa que surgiram, entretanto, algumas objecções ao livro de Sebond e anuncia no início do ensaio o seu propósito de refutá-las. Montaigne deseja defender Sebond destes dois tipos de adversários: por um lado, os que consideram que os cristãos erram ao querer apoiar com razões humanas a sua crença, que só se concebe por fé e por uma inspiração particular da graça divina. Estes são os que subestimam a importância da razão. São considerados fideístas: pessoas que pensam que a verdade em religião está, em última instância, baseada na fé em vez de no raciocínio ou na evidência. Por outro lado, estão os que dizem que os argumentos de Sebond são fracos e inadequados para demonstrar o que pretendem e se dispõem a atacá-los facilmente. Estes são os que subestimam a importância da fé.

Consideremos, em primeiro lugar, a atitude dos primeiros opositores. Não seria correcto querer apoiar com razões humanas a crença “[A] *qui ne se conçoit que par foy et par une inspiration particuliere de la grace divine*”<sup>40</sup>. Estes primeiros opositores de Sebond são os partidários da posição ortodoxa católica. Montaigne lembra que estes teólogos católicos são movidos sobretudo por uma visão piedosa:

“[A] *En cette objection il semble qu'il y ait quelque zele de pieté, et à cette cause nous faut-il avec autant plus de douceur et de respect essayer de satisfaire à ceux qui la mettent en avant*”<sup>41</sup>.

Em face destas primeiras críticas à obra do teólogo catalão, Montaigne não se inibe de expressar as suas próprias tomadas de posição.

“[A] *Toutefois je juge ainsi, qu'à une chose si divine et si haultaine, et surpassant de si loing l'humaine intelligence, comme est cette verité de laquelle il a pleu à la bonté de Dieu nous esclairer, il est bien besoin qu'il nous preste encore son secours, d'une faveur extraordinaire et privilégiée, pour la pouvoir concevoir et loger en nous; et ne croy pas que*

---

<sup>38</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 439.

<sup>39</sup> Villey: *op. cit.*, p. 183.

<sup>40</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 440.

<sup>41</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 440.

*les moyens purement humains en soyent aucunement capables; et, s'ils l'estoient, tant d'ames rares et excellentes, et si abondamment garnies de forces naturelles és siecles anciens, n'eussent pas failly par leur discours d'arriver à cette connoissance. C'est la foy seule qui embrasse vivement et certainement les hauts mysteres de nostre Religion*"<sup>42</sup>.

Ao abordar esta questão, Montaigne reconhece que não está capacitado para levar a cabo tal empreendimento. Esta seria uma tarefa mais adequada para um homem versado em teologia, assunto de que ele pessoalmente diz nada saber<sup>43</sup>. Mesmo assim, expressa uma vez mais a sua crítica radical aos que utilizam a razão para apresentarem argumentos apologeticos em defesa das verdades sobre Deus e sobre a religião.

Montaigne é um católico<sup>44</sup>. Sobre isto os *Essais* não deixam dúvida. Não é este o momento de entrar na discussão acerca de como viveu ou deixou de viver a sua religiosidade. O importante é que, como católico, aceita que há um Deus único, criador do céu e da terra. Em vários momentos, tanto na “Apologie” como em outros ensaios, Montaigne dá a entender que a verdade está em Deus e não é propriedade dos homens, filósofos ou teólogos. Noutras palavras, a verdade é revelada e o homem, sem o auxílio de Deus, nunca a encontraria. A razão humana não tem condições para elaborar raciocínios credíveis sobre estas verdades reveladas. Para sustentar a tese que a razão é impotente neste domínio, Montaigne dedica um número importante de páginas em toda a sua obra a desenvolver a ideia de que alguns filósofos antigos reflectiram muito sobre a possibilidade do conhecimento sobre Deus e fizeram afirmações que são absolutamente carentes de sentido. Isto não passou de uma “[C] tintamarre de tant de

---

<sup>42</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 440-441.

<sup>43</sup> “*Ce seroit mieux la charge d'un homme versé en Theologie, que de moy qui n'y sçay rien*” (*Les Essais*: II, 12, p. 440).

<sup>44</sup> Montaigne declara-se católico; foi um católico que durante toda a sua vida procurou cumprir os ritos litúrgicos convencionais da Igreja Católica. A sua posição céptica parece enquadrar-se no fideísmo, como veremos. Mas há que salientar que em algumas questões morais, independentes das suas práticas rituais, ou seja, na sua vida prática, Montaigne não tem muito em consideração a lista de exigências éticas do catolicismo romano. Parece que falta à concepção religiosa de Montaigne algum sentimento religioso: limita-se a uma espécie de prática do ritualismo exigido pela Igreja Católica. Ele seria católico por uma questão de conveniência intelectual. A sua prática litúrgica, ritualística não exerce grande influência sobre o seu pensamento filosófico. Ele é um pensador completamente livre face à doutrina da Igreja. E isto distingue-o substancialmente dos teólogos que integram o corpo doutrinal na Igreja. Montaigne pensava e exprimia estes pensamentos com plena liberdade. Manifesta, além disso, alguma confiança na Igreja, na religião, na tradição e nos costumes que contribuíram para a sua formação e que são de alguma maneira parte constitutiva de sua identidade. E, na realidade, quis apostar naquilo com o qual estava mais familiarizado. “[B] *Nous sommes Chrestiens à mesme titre que nous sommes ou Perigordins ou Alemans*” (*Les Essais*: II, 12, p. 445). No entanto, quando começamos a estabelecer um maior contacto com os *Essais*, percebemos que Montaigne não é um católico que confie cegamente na doutrina da Igreja. Muito pelo contrário, é extremamente consciente dos problemas do catolicismo e da sua doutrina, bem como dos costumes em geral. E, acima de tudo, tem perfeita consciência de que a sua confiança é uma crença e não uma certeza filosófica.

*cervelles philosophiques!*”<sup>45</sup>. Segundo Montaigne, de todas as ideias humanas e antigas no tocante à religião

*“[A]celle là me semble avoir eu plus de vray-semblance et plus d'excuse, qui reconnoissoit Dieu comme une puissance incomprehensible, origine et conservatrice de toutes choses, toute bonté, toute perfection, recevant et prenant en bonne part l'honneur et la reverence, que les humains luy rendoient sous quelque visage, sous quelque nom et en quelque maniere que ce fut”*<sup>46</sup>.

Trata-se de belas afirmações, que querem expressar quais são os principais atributos de Deus. São uma tentativa racional que tem como meta explicar quem é Deus. Ao comentar esta passagem da “Apologie”, Conche pergunta-se: que significam estas palavras? E, baseado na leitura que faz de Montaigne, afirma que, aplicadas a Deus, não podemos saber o que realmente significam<sup>47</sup>.

Montaigne questiona o facto de muitos homens pretenderem edificar um discurso baseado na razão para justificar as verdades reveladas, as quais, segundo ele, só poderão encontrar os verdadeiros alicerces na fé. Vejamos como Conche, sinteticamente, analisa esta questão a partir da “Apologie de Raymond Sebond”:

*“Nous croyons penser Dieu. En réalité nous ne faisons que projeter hors de nous des qualités humaines que nous avons [...]. L'homme ne peut concevoir Dieu qu'à partir de lui-même. Or il y a entre l'homme et Dieu un abîme qualitatif. Le Dieu dont on parle et duquel on raisonne n'est qu'un produit de l'anthropomorphisme. La raison, loin de nous élever à Dieu, le ramène à notre mesure [...]. En tout cela Dieu est encore conçu par analogie avec l'homme, et la puissance divine enfermée “sous les lois de notre parole”. Assujettir Dieu à nos principes rationnels, c'est l'assujettir à la raison humaine. L'homme ne peut penser au-delà de lui-même. Du vrai Dieu on ne peut rien penser ni rien dire. Il n'y a pas d'idée de Dieu [...]. La notion de Dieu n'est pas une notion philosophique”*<sup>48</sup>.

Embora critique estes opositores de Sebond, Montaigne afirma ao mesmo tempo que o empenho em justificar a fé pela razão é uma iniciativa louvável. Chega mesmo a afirmar que esta tarefa poderia ser considerada como o uso mais honroso que o homem cristão poderia dar à razão. Por outras palavras, é uma atitude nobre a que leva o cristão, a querer embelezar, perceber e ampliar a verdade de sua crença, por meio de todos os estudos e reflexões. Montaigne observa, entretanto, que é preciso fazer acompanhar a

---

<sup>45</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 516.

<sup>46</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 513.

<sup>47</sup> Cf. Conche, Marcel. *Montaigne ou la conscience heureuse*. Paris: Puf, 2009: p. 55.

<sup>48</sup> *Idem*: pp. 55-56.

nossa fé de toda a razão que há em nós, mas sempre com a ressalva de não pensar que seja de nós que ela depende, nem que os nossos esforços e argumentos possam atingir uma tão “[A] *supernaturelle et divine science*”<sup>49</sup>. O autor dos *Essais* insistirá muito neste aspecto:

“[A] Si elle n'entre chez nous par une infusion extraordinaire; si elle y entre non seulement par discours, mais encore par moyens humains, elle n'y est pas en sa dignité ny en sa splendeur. Et certes je crain pourtant que nous ne la jouyssions que par cette voye. Si nous tenions à Dieu par l'entremise d'une foy vive; si nous tenions à Dieu par luy, non par nous; si nous avons *un pied et un fondement divin, les occasions humaines n'auroient pas le pouvoir de nous esbranler, comme elles ont [...]*”<sup>50</sup>.

Sem dúvida, Montaigne, ao questionar o poder da razão humana, procura defender a fé cristã. Os argumentos tidos como cépticos que estão presentes na “Apologie” têm como objectivo provar que só através da intervenção divina, e não com nossos próprios meios racionais, podemos ter acesso à verdade. Apresenta vários exemplos para que entendamos com mais clarividência a sua reflexão acerca deste assunto:

“[C] *L'homme est bien insensé. Il ne sçauroit forger un ciron, et forge des Dieux à douzaines*”<sup>51</sup>.

O homem quer descrever Deus mas, na verdade, descreve-se a si mesmo. Isto demonstra a sua incapacidade e a sua falta de sabedoria:

“[B] *Nous avons vie, raison et liberté, estimons la bonté, la charité, et la justice: ces qualitez sont donc en luy. Somme le bastiment et le desbastiment, les conditions de la divinité se forgent par l'homme, selon la relation à soy. Quel patron et quel modele! Estirons, eslevons, et grossissons les qualitez humaines tant qu'il nous Plaira; enfle toy, pauvre homme, et encore, et encore, et encore: Non si te ruperis, inquit (“Non pas même quand tu crèverais, dit-il”). (Hor., Sal., II, III, 318). C'est la fable de la grenouille qui veut se faire aussi grosse que le boeuf*”<sup>52</sup>.

É interessante notar que, ao mesmo tempo que pretende fazer a apologia da fé cristã, Montaigne critica os cristãos que não são “fiéis” aos ensinamentos da Sagrada Escritura:

“[B] *Voulez vous voir cela ? Comparez nos moeurs à un Mahometan, à un Payen; vous demeurez tousjours au dessous: là où, au regard de l'avantage de nostre religion, nous devrions luire en excellence, d'une extreme et incomparable distance; et devoit on dire: Sont ils si justes, si*

---

<sup>49</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 441.

<sup>50</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 441.

<sup>51</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 530.

<sup>52</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 531.

*charitables, si bons? ils sont donq Chrestiens. [C] La marque peculièr de nostre verité devroit estre nostre vertu, comme elle est aussi la plus celeste marque, et la plus difficile, et que c'est la plus digne production de la verité*”<sup>53</sup>.

Para Montaigne, os cristãos constituem uma espécie de contratestemunho de sua fé. Fazendo uma referência ao texto da Sagrada Escritura, algo muito raro nos *Essais*, o autor afirma que, se tivéssemos um único pinga de fé<sup>54</sup>, moveríamos as montanhas de seu lugar. E, neste sentido, lembra-nos:

*“[A] nos actions, qui seroient guidées et accompagnées de la divinité, ne seroient pas simplement humaines; elles auroient quelque chose de miraculeux comme nostre croyance*”<sup>55</sup>.

Para os que subestimam a importância da razão, isto é, para os primeiros opositores de Sebond ou os fideístas, os cristãos erram ao quererem apoiar as suas crenças, que só se concebem por meio da fé e por inspiração particular da graça divina. Estes são os que pensam que a verdade em religião está, em última instância, baseada na fé em vez de no raciocínio ou na evidência. Segundo Montaigne, trata-se de uma concepção bonita e até piedosa. Chega inclusive a exemplificar esta atitude e a citar um caso de alguém que foi desviado dos erros da incredulidade através da leitura da obra de Sebond:

*“[A] Je sçay un homme d'autorité, nourry aux lettres, qui m'a confessé avoir esté ramené des erreurs de la mescreance par l'entremise des argumens de Sebond. Et, quand on les despouillera de cet ornement et du secours et approbation de la foy, et qu'on les prendra pour fantasies pures humaines, pour en combatre ceux qui sont precipitez aux espouvantables et horribles tenebres de l'irreligion, ils se trouveront encores lors aussi solides et autant fermes que nuls autres de mesme condition qu'on leur puisse opposer [...]”*<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 442.

<sup>54</sup> Provavelmente Montaigne está a aludir a textos da Sagrada Escritura, especialmente do Evangelho: “Si vraiment vous avez de la foi, gros come une graine de moutarde, vous diriez à ce sycomore: “Déracine-toi et va te planter dans la mer”, et il vous obéirait” (Lc. 17, 6); Car, en vérité je vous le déclare, si un jour votre foi est semblable à un grain de moutarde, vous diriez à cette montagne: “Passe d’ici là-bas”, et elle y passera. Rien ne vous sera impossible” (Mt 17, 20). (In: *Nouveau Testament. Traduction Oecuménique de la Bible*. Paris: PUF, 1977: pp. 91 e 253.

<sup>55</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 442.

<sup>56</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 447-448.



No entanto, mesmo tendo em consideração a importância da Teologia Natural sebondiana, Montaigne toma um certo partido pelo lado dos fideístas<sup>57</sup>, seus opositores. Em seu entender, a razão humana não é capaz de conduzir o homem à fé.

Montaigne, num dado momento, refere-se às guerras<sup>58</sup> que oprimiam a sua nação. Ele propõe uma possível explicação destes tormentos que assolavam a França que tem muito a ver com a questão de fundo tratada na “Apologie”. Escreve:

*“[A] Les hommes y sont conducteurs et s’y servent de la religion: ce devroit estre tout le contraire”<sup>59</sup>.*

Assim se compreende por que razão Montaigne, além de criticar aqueles que queriam instrumentalizar a razão para justificar as verdades reveladas, repudia a noção daqueles que se dedicam excessivamente à religião e que têm como meta principal a satisfação das paixões e da vaidade:

*“[C] Je voy cela evidemment, que nous ne prestons volontiers à la devotion, que les offices, qui flattent noz passions. Il n'est point d'hostilité excellente comme la Chrestienne. Nostre zele fait merveilles, quand il va secondant nostre pente vers la haine, la cruauté, l'ambition, l'avarice, la detraction, la rebellion. A contrepoil, vers la bonté, la benignité, la temperance, si, comme par miracle, quelque rare complexion ne l'y porte, il ne va ny de pied, ny d'aile. Nostre religion est faicte pour extirper les vices; elle les couvre, les nourrit, les incite. [A] Il ne faut point faire barbe de foarre à Dieu (comme on dict). Si nous le croyons, je ne dy pas par foy, mais d'une simple croyance, voire (et je le dis à nostre grande confusion) si nous le croyons et cognoissions comme une autre histoire, comme l'un de nos compaignons, nous l'aimerions au dessus de toutes autres choses, pour l'infinie bonté et beauté qui reluit en luy: au moins marcheroit il en mesme reng de nostre affection, que les richesses, les plaisirs, la gloire et nos amis »<sup>60</sup>.*

Montaigne demonstra uma certa irritação em face da instrumentalização da religião para certos objectivos particulares. Em seu entender, a devoção religiosa não

---

<sup>57</sup> Ao reflectir sobre o fideísmo presente na “Apologie”, Friedrich diz-nos que Montaigne assume um fideísmo isento da nostalgia mística. O seu fideísmo significa uma tomada de consciência intelectual dos limites humanos, limites estes que não deseja ultrapassar. Seu fideísmo é, de uma espécie negativa, isto é, é a certeza da incerteza. O mesmo autor observa ainda que a “teologia” de Montaigne representa um desvio para ir ao conhecimento do homem no interior do mundo. Montaigne precisa de se distanciar de Deus para se assegurar da pequenez do homem, na qual ele vai se instalar (cf. op. cit., p. 117).

<sup>58</sup> Tudo indica que Montaigne está a falar das guerras civis e religiosas do século XVI. Citando o famoso historiador francês M. de Châteaubriand, Laschamps na sua monumental obra *Michel de Montaigne*, editada em 1855, afirma que estas guerras “ont duré trente-neuf ans; elles ont engendré les massacres de la Saint Barthélemy, versé le sang de plus de deux millions de Français, et dévoré plus de trois milliards de notre monnaie actuelle. Elles ont produit la saisie et la vente des biens de l'Église et des particulieres; frappé deux rois de mort violente, Henri III et Henri IV, et commencé le procès criminel du premier de ces deux rois” (cf. Laschamps, F. Bigorie de. *Michel de Montaigne*. Paris: Libraire Editeur, 1855: p. 108)

<sup>59</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 443.

<sup>60</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 444.

pode ser usada para servir os propósitos do ódio, da crueldade, da ambição, da rebelião, etc.<sup>61</sup>

Embora não seja teólogo<sup>62</sup>, Montaigne é um pensador que procura respeitar profundamente a missão da teologia. Mas importa salientar que esta missão deve ser entendida simplesmente como uma prática de piedade e não como uma racionalização e sistematização das verdades reveladas pela fé. Neste sentido, há uma enorme distância entre o autor dos *Essais* e os escolásticos. Para Montaigne a teologia é concebida como uma espécie de exercício espiritual dos cristãos, sobretudo dos teólogos, através da razão humana. Exercício este que carece do poder de alcançar a verdade:

*“[A] Il en faut faire de mesme, et accompagner nostre foy de toute la raison qui est en nous, mais tousjours avec cette reservation de n'estimer pas que ce soit de nous qu'elle dépende, ny que nos efforts et arguments puissent atteindre à une si supernaturelle et divine science”*<sup>63</sup>.

Para Montaigne, as explicações (racionalizações) das verdades da religião devem ser as pregações piedosas nos actos de culto, por exemplo. E esta é a tarefa fundamental da qual a teologia deve ocupar-se. Além disto, Montaigne, que é um observador subtil e cuidadoso, propõe certas distinções. Vejamos o que Friedrich tem a dizer sobre esta questão:

*“[...] sait bien entendu distinguer la vraie piété de la fausse. Il brâme ainsi les prières mécaniques, la malhonnêteté des gens qui se signent au son de la cloche sans, pour autant renoncer à la haine, à l'avarice, à l'injustice, comme si leur principe était: aux vices leur heure, son heure à Dieu”*<sup>64</sup>.

Desta perspectiva, segundo Montaigne a religião deve ser, entre outras coisas, como uma prática da verdadeira piedade que se preocupa em instaurar no coração do homem o desejo de viver o amor, a justiça, etc., renunciando a tudo aquilo que é mal e que impede a realização da felicidade do homem no aqui e no agora. É por isto que não acredita numa religião que vive a prometer constantemente bens eternos que virão a tornar-se realidade num outro mundo diverso e posterior a este que conhecemos. Para exemplificar esta sua abordagem, Montaigne refere na “Apologie” o filósofo Antístenes. Quando o iniciavam no mistério de Orfeu, dizendo-lhe o sacerdote que aqueles que se devotavam a tal religião iam receber bens eternos e perfeitos após a morte, aquele

---

<sup>61</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 444.

<sup>62</sup> Ver nota 43

<sup>63</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 441.

<sup>64</sup> Friedrich, *op. cit.*, p. 122.

perguntou-lhe: “se acreditas nisso por que então não morres tu mesmo?”<sup>65</sup> Eis um outro exemplo que vale a pena citar:

*“[C] Diogenes, plus brusquement selon sa mode, et hors de nostre propos, au prestre qui le preschoit de mesme de se faire de son ordre pour parvenir aux biens de l'autre monde: Veux tu pas que je croye qu'Agésilais et Epaminondas, si grands hommes, seront miserables, et que toy, qui n'es qu'un veau, seras bien heureux par ce que tu es prestre ?”*<sup>66</sup>

Segundo Montaigne, se acolhêssemos essas grandes promessas de felicidades eternas e supremas com a mesma autoridade com que acolhemos uma opinião filosófica, não teríamos o horror à morte que temos:

*“[A] Je veuil estre dissout, dirions nous, et estre aveques Jesus-Christ”*<sup>67</sup>.

Ao afirmar que:

*“[A] La force du discours de Platon, de l'immortalité de l'ame, poussa bien aucuns de ses disciples à la mort, pour joir plus promptement des esperances qu'il leur donnoit [...]”*<sup>68</sup>.

O autor da “Apologie” quer destacar a fragilidade da razão que utiliza meios puramente humanos para explicar “realidades” que transcendem a vida concreta. Vejamos uma passagem em que o autor expressa nitidamente estas ideias:

*“[A] Tout cela c'est un signe tres-evident que nous ne recevons nostre religion qu'à nostre façon et par nos mains, et non autrement que comme les autres religions se reçoivent. Nous nous sommes rencontrés au païs ou elle estoit en usage; où nous regardons son ancienneté ou l'autorité des hommes qui l'ont maintenue; ou creignons les menaces qu'elle attache aux mescreans; ou suyons ses promesses. Ces considerations là doivent estre employées à nostre creance, mais comme subsidiaires: ce sont liaisons humaines. Une autre region, d'autres tesmoings, pareilles promesses et menasses, nous pourroyent imprimer par mesme voye une croyance contraire”*<sup>69</sup>.

Apesar de ser católico, parece sugerir na “Apologie” uma certa atitude de indiferença relativamente a toda e qualquer profissão de fé, ou seja, uma espécie de distanciamento no que diz respeito às diversas convicções religiosas. Montaigne chega quase a reduzir a própria crença a uma questão de costume, a um acaso geográfico:

---

<sup>65</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 444.

<sup>66</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 444.

<sup>67</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 445.

<sup>68</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 445.

<sup>69</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 445.

*[B] Nous sommes Chrestiens à mesme titre que nous sommes ou Perigordins ou Alemans”<sup>70</sup>.*

Fazendo uma crítica aos diversos raciocínios que foram usados na história do pensamento filosófico, com o objectivo de argumentar de que forma o homem tem acesso à religião, Montaigne afirma que Platão e os seus exemplos querem levar-nos a concluir que somos conduzidos à crença em Deus ou por amor ou por força. A sua rejeição dos argumentos da filosofia expressa-se de uma forma muito incisiva:

*“[C] L'Atheisme estant une proposition comme desnaturée et monstrueuse, difficile aussi et malaisée d'establiir en l'esprit humain, pour insolent et desreglé qu'il puisse estre: il s'en est veu assez, par vanité et par fierté de concevoir des opinions non vulgaires, et reformatrices du monde, en affecter la profession par contenance, qui, s'ils sont asses fols, ne sont pas asses forts pour l'avoir plantée en leur conscience pourtant”<sup>71</sup>.*

Além de apontar os limites das crenças consideradas pagãs, bem como os enganos de Platão relativos aos motivos que levam o homem à prática da religião, Montaigne critica um outro engano similar e importante de Platão:

*“[B] L'erreur du paganisme, et l'ignorance de nostre sainte verité, laissa tomber cette grande ame de Platon (mais grande d'humaine grandeur seulement), encores en cet autre voisin abus, que les enfans et les vieillars se trouvent plus susceptibles de religion, comme si elle naissoit et tiroit son credit de nostre imbecillité”<sup>72</sup>.*

Segundo Montaigne, a religião não pode ser construída sobre o alicerce da razão humana, como vimos. Nem tampouco pode ser fundada nos argumentos platónicos acabados de referir. Estes são todos muito frágeis. A religião encontra as suas bases verdadeiras na fé. A perspectiva própria da filosofia supõe um ateísmo de método, como observa Conche. Caso contrário, ela já não seria filosofia, “*mais théologie ou idéologie. A qui est ainsi privé du secours de la grâce divine, Dieu est inconnaissable*”<sup>73</sup>. Montaigne recusa o ateísmo de uma forma muito clara, inclusive aquele conceituado por Platão:

*“[A] Et ce que dit Plato<sup>74</sup>, qu'il est peu d'hommes si fermes en l'atheisme, qu'un dangier pressant ne ramene à la recognoissance de la divine puissance, ce rolle ne touche point un vray Chrestien. C'est à faire aux*

---

<sup>70</sup> *Les essais*: II, 12, p. 445.

<sup>71</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 446.

<sup>72</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 446.

<sup>73</sup> Conche: 1996, *op. cit.* p.131.

<sup>74</sup> Tudo leva a crer que Montaigne se está a referir a Platão. Preferimos conservar a mesma grafia da edição dos *Essais* que está a ser utilizada neste trabalho.

*religions mortelles et humaines d'estre receuës par une humaine conduite. Quelle foy doit ce estre, que la lâcheté et la foiblesse de coeur plantent en nous et établissent? [C] Plaisante foy qui ne croid ce qu'elle croit que pour n'avoir le courage de le descroire! Une vitieuse passion, comme celle de l'inconstance et de l'estonnement, peut elle faire en nostre ame aucune production réglée?*<sup>75</sup>

Continuando a sua reflexão no preâmbulo da “Apologie”, o autor ressalta qual é a relação fundamental que é necessária para estabelecer a união do homem a Deus, partindo do carácter superior da religião face ao ateísmo. Montaigne observa que o laço que deveria atar o nosso juízo e a nossa vontade, que deveria cingir a nossa alma e uni-la ao criador:

*“[A] ce devroit estre un neud prenant ses repliz et ses forces, non pas de nos considerations, de noz raisons et passions, mais d'une estreinte divine et supernaturelle, n'ayant qu'une forme, un visage, et un lustre, qui est l'autorité de Dieu et sa grace. Or, nostre coeur et nostre ame estant regie et commandée par la foy, c'est raison qu'elle tire au service de son dessain toutes noz autres pieces selon leur portée”.*<sup>76</sup>

Montaigne, ao indicar como devemos manejar os instrumentos naturais e humanos, ou seja, como devemos aplicar a razão à nossa fé, afirma que Deus deixou nas suas obras o cunho de sua divindade e deve-se apenas à nossa fraqueza que não o possamos perceber. E afirma com admiração que Sebond se empenhou neste digno estudo:

*“[A] Or nos raisons et nos discours humains, c'est comme la matiere lourde et sterile: la grace de Dieu en est la forme”*<sup>77</sup>.

As acções humanas permanecem inúteis e vãs se não têm em conta o amor e a obediência a Deus:

*“[A] ainsin est-il de nos imaginations et discours; ils ont quelque corps, mais une masse informe, sans façon et sans jour, si la foy et grace de Dieu n'y sont joinctes”*<sup>78</sup>.

Quanto aos segundos opositores de Sebond – ou seja, os que dizem que seus argumentos são fracos e inadequados para demonstrar o que ele pretende e, por isso, dispõem-se a atacá-los facilmente – Montaigne vai rejeitar os argumentos por eles apresentados, nos quais se subestima a importância da fé. A rejeição dos argumentos desta segunda categoria ocupa maior espaço porque “[A] Il faut secouer ceux cy un peu

---

<sup>75</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 445.

<sup>76</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 446.

<sup>77</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 447.

<sup>78</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 447.

*plus rudement, car ils sont plus dangereux et plus malitieux que les premiers*”<sup>79</sup>. Estes “racionalistas” consideram que a razão humana é auto-suficiente para conhecer qualquer coisa e desprezam a fé, considerando-a como algo inútil para um sábio.

*“ Le moyen que je prens pour rabatre cette frenaisie et qui me semble le plus propre, c’est de froisser et fouler aux pieds l’orgueil et humaine fierté; leur faire sentir l’inanité, la vanité, et deneantise de l’homme; leur arracher des points les chetives armes de leur raison; leur faire baisser la teste et mordre la terre, sous l’autorité et reverence de la majesté divine. C’est à elle seule qu’appartient la science et la sapience; elle seule qui peut estimer de soy quelque chose, et à qui nous desrobons ce que nous nous contons et ce que nous nous prisons, Οὐ γὰρ ἑᾶ φρονεῖν ὁ Θεὸς μέγα ἄλλον ἢ ἑαυτόν [“Car Dieu ne permet pas qu’un autre que Lui s’enorgueillisse” (Hérodote, VII, x.)] ”*<sup>80</sup>.

Ao analisar as duas objecções à *Teologia natural* de Sebond Montaigne tem como principal finalidade - além do desenvolvimento do seu fideísmo, que põe em causa que a filosofia seja um meio para se chegar a Deus - destronar o homem do seu pedestal como “senhor” entre todas as criaturas, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. À luz destas objecções se desenvolve também em todo o texto da “Apologie” uma grande quantidade de críticas aos detractores do teólogo catalão que, na verdade, mais não é do que uma contestação de Montaigne de tudo aquilo que faz do homem um ser cheio de orgulho e de vaidade. Montaigne chega à conclusão que a razão humana não pode conhecer os atributos de Deus. A razão não tem condições para emitir juízos credíveis a respeito destes atributos. Ela não está revestida de um poder que lhe garanta a elaboração de raciocínios credíveis acerca de Deus e das verdades da religião.

Montaigne apresenta um resumo das principais ideias acerca de Deus que foram surgindo na história do pensamento filosófico antigo e afirma que tudo isto não passa de uma balbúrdia (“*tintamarre*”) de muitos cérebros filosóficos<sup>81</sup>:

*“[C] Thales, [...] estima Dieu un esprit qui fit d'eau toutes choses. Anaximander, que les Dieux estoient des mourans et naissans à diverses saisons, et que c'estoient des mondes infinis en nombre; Anaximenes, que l'air estoit Dieu [...]. Anaxagoras, le premier, a tenu la description et maniere de toutes choses, estre conduite par la force et raison d'un esprit infini. Alcmaeon a donné la divinité au soleil, à la lune, aux astres, et à l'ame.[...] Empedocles disoit estre des Dieux les quatre natures desquelles toutes choses sont faictes; [...]. Platon dissipe sa creance à divers visages. Il dict, au Timaée, le pere du monde ne se pouvoir*

---

<sup>79</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 448.

<sup>80</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 448.

<sup>81</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 516.

*nommer; aux loix, qu'il ne se faut enquerir de son estre; et, ailleurs, en ces mesmes livres, il faict le monde, le ciel, les astres, la terre et nos ames Dieux, et reçoit en outre ceux qui ont esté receuz par l'ancienne institution en chasque republique. Xenophon rapporte un pareil trouble de la discipline de Socrates: tantost qu'il ne se faut enquerir de la forme de Dieu, et puis il luy faict establir que le Soleil est Dieu, et l'ame Dieu; qu'il n'y en a qu'un, et puis qu'il y en a plusieurs.[...]; Aristote, asture que c'est l'esprit, asture le monde; asture il donne un autre maistre à ce monde, et asture faict Dieu l'ardeur du ciel. [...] Heraclides Ponticus ne fait que vaguer entre les advis et en fin prive Dieu de sentiment et le faict remuant de forme à autre, et puis dict que c'est le ciel et la terre.[...]; Zeno, la loy naturelle, commandant le bien et prohibant le mal, laquelle loy est un animant, et oste les Dieux accoustumez, Jupiter, Juno, Vesta; Diogenes Apolloniates, que c'est l'aage; [...]; Cleanthes, tantost la raison, tantost le monde, tantost l'ame de Nature, tantost la chaleur supreme entourant et envelopant tout. [...] Chrysippus faisoit un amas confus de toutes les precedentes sentences, et comptoit, entre mille formes de Dieux qu'il faict, les hommes aussi qui sont immortalisez. Diagoras et Theodorus nioyent tout sec qu'il y eust des Dieux. Epicurus faict les Dieux luisans, transparens et perflables, logez, comme entre deux forts, entre deux mondes, à couvert des coups, revestus d'une humaine figure et de nos membres, lesquels membres leur sont de nul usage”<sup>82</sup>.*

Esta longa citação da “Apologia” apresenta-nos a enorme quantidade de teorizações que têm como base a razão humana e que são bastante díspares no tocante às crenças. Isto põe em evidência que Montaigne não acredita que o homem tenha condições para compreender ou apresentar algo credível acerca de Deus. Por isto, o homem exagera na sua criatividade intelectual ao inventar inúmeros atributos divinos, que frequentemente se assemelham aos seus próprios atributos. Em seu entender, Deus é absolutamente incompreensível. Na leitura que de Montaigne faz Leveaux:

*“L’idée de Dieu existe chez l’homme; mais au delà de cette idée simple, d’une unité absolue, tout devient doute et confusion. Alors se présentent des questions sans nombre auxquelles il est impossible de répondre. C’est là, si je ne me trompe, le “que sais-je”? ”<sup>83</sup>.*

Montaigne afirma que há uma grande inconstância, variedade e mobilidade de ideias acerca de Deus nas almas excelentes e admiráveis dos filósofos. Mas classifica o empenho destes como vão, pelo facto de quererem adivinhar Deus por meio das nossas analogias e conjecturas. Por não podermos estender a vista até ao seu trono glorioso, procuramos trazê-lo aqui para baixo, para a nossa corrupção e miséria. Só a fé tem

<sup>82</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 514-516.

<sup>83</sup> Leveaux, Alphonse. *Étude sur les Essais de Montaigne*. Paris: Henri Plon Imprimeur-Éditeur, 1870: p. 213.

condições de entender os mistérios da religião. Sem ela, os nossos esforços de demonstração destes mistérios permanecem vazios e estéreis:

*“[A] La participation que nous avons à la connoissance de la verité, quelle qu'elle soit, ce n'est pas par nos propres forces que nous l'avons acquise. Dieu nous a assez appris cela par les tesmoins qu'il a choisi du vulgaire, simples et ignorans, pour nous instruire de ses admirables secrets: nostre foy ce n'est pas nostre acquest, c'est un pur present de la liberalité d'autrui. Ce n'est pas par discours ou par nostre entendement que nous avons receu nostre religion, c'est par autorité et par commandement estranger. La foiblesse de nostre jugement nous y ayde plus que la force, et nostre aveuglement plus que nostre cler-voyance. C'est par l'entremise de nostre ignorance plus que de nostre science que nous sommes sçavans de divin sçavoir”<sup>84</sup>.*

Para o autor da “Apologie” o homem por si só é absolutamente impotente para chegar a certezas acerca das questões relacionadas com a fé. Nesta perspectiva, o autor, observa também que não é possível fazer afirmações seguras tendo como base a razão. Por exemplo, acerca da imortalidade da alma, tema desde sempre muito caro à filosofia, os cristãos devem unicamente a Deus e ao benefício de sua graça a verdade de uma crença tão nobre, pois é apenas da sua liberalidade que o cristão recebe o fruto da imortalidade, o qual, lembra o autor, consiste no gozo da beatitude eterna. A razão não consegue fazer nenhuma afirmação credível sobre este tema. Ela é incapaz, uma vez que a imortalidade é um “dado” da revelação:

*“[C] Confessons ingenuement que Dieu seul nous l'a dict, et la foy: car leçon n'est ce pas de nature et de nostre raison”<sup>85</sup>.*

Montaigne, assumindo uma posição fideísta, depois de ter feito o exame das diversas opiniões sobre a alma<sup>86</sup>, faz um “apelo à passividade da razão e à aceitação da verdade religiosa sem tentar compreendê-la: “imortalidade” é, como “Deus”, uma palavra que não pode ser preenchida. A imortalidade afirmada pela fé não poderá ser explorada por nenhuma forma de discurso humano”<sup>87</sup>.

Esta atitude fideísta e conservadora em termos religiosos deve-se em grande parte à desilusão de Montaigne face aos inúmeros sistemas filosóficos que tentavam

---

<sup>84</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 500.

<sup>85</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 554.

<sup>86</sup> Na “Apologie” há uma quantidade significativa de páginas nas quais o autor expressa muitas opiniões sobre o tema da alma (cf. *Les Essais*: pp. 542-547).

<sup>87</sup> Birchal, Telma de Souza. *O Eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007: pp. 64-65.



encontrar explicações racionais para todas as questões da vida, inclusivamente para aquelas que transcendem a vida real:

*“[A] Car, quelque apparence qu'il y ayt en la nouvelleté, je ne change pas aisément, de peur que j'ay de perdre au change. Et, puis que je ne suis pas capable de choisir, je pren le choi d'autrui et me tien en l'assiette où Dieu m'a mis. Autrement, je ne me sçauroy garder de rouler sans cesse. Ainsi me suis-je, par la grace de Dieu, conservé entier, sans agitation et trouble de conscience, aux anciennes creances de nostre religion, au travers de tant de sectes et de divisions que nostre siecle a produittes”<sup>88</sup>.*

Segundo Leveaux, Montaigne sintetiza seu pensamento em matéria religiosa<sup>89</sup> da seguinte maneira:

*“[A] De toutes les opinions humaines et anciennes touchant la religion, celle là me semble avoir eu plus de vray-semblance et plus d'excuse, qui recognoissoit Dieu comme une puissance incomprehensible, origine et conservatrice de toutes choses, toute bonté, toute perfection, recevant et prenant en bonne part l'honneur et la reverence que les humains luy rendoient sous quelque visage, sous quelque nom et en quelque maniere que ce fut [...]”<sup>90</sup>.*

Há que reconhecer, no entanto, que é algo difícil e delicado tirar grandes conclusões acerca da religião, embora o tema perpassasse toda a “Apologie”. Montaigne concebia a religião como um conjunto de práticas e leis que tinham como finalidade contribuir para que o homem não agisse como um escravo da vaidade da razão. As últimas palavras da “Apologie”, onde o autor cita Plutarco, pretendem servir como uma espécie de conclusão de toda a reflexão deste capítulo. Deixemos o próprio Montaigne falar:

*“[A] Mais qu'est-ce donc qui est veritablement? Ce qui est eternal, c'est à dire qui n'a jamais eu de naissance, ny n'aura jamais fin; à qui le temps n'apporte jamais aucune mutation. Car c'est chose mobile que le temps, et qui apparoit comme en ombre, avec la matiere coulante et fluante tousjours, sans jamais demeurer stable ny permanente”<sup>91</sup>.*

Contestando a atitude humana de querer elevar-se acima da humanidade, que pode ser também entendida como um desejo absurdo de um ser desprezível, que tem a

---

<sup>88</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 569.

<sup>89</sup> Cf. Leveaux: *op. cit.*, p. 213.

<sup>90</sup> *Les Essais*, II, 12, p. 513

<sup>91</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 603.

presunção como doença natural e original, e que é a mais calamitosa de todas as criaturas e ao mesmo tempo a mais orgulhosa<sup>92</sup>, Montaigne afirma:

*“[A] O la vile chose, dit-il, et abjecte, que l'homme, s'il ne s'esleve au dessus de l'humanité! [C] Voila un bon mot et un utile desir, mais pareillement absurde. Car [A] de faire la poignée plus grande que le poing, la brassée plus grande que le bras, et d'esperer enjamber plus que de l'estanduë de nos jambes, cela est impossible et monstrueux. Ny que l'homme se monte au dessus de soy et de l'humanité: car il ne peut voir que de ses yeux, ny saisir que de ses prises. Il s'eslevera si Dieu lui preste extraordinairement la main; Il s'eslevera, abandonnant et renonçant à ses propres moyens, et se laissant hausser et soubselever par les moyens purement celestes”<sup>93</sup>.*

Montaigne termina a “Apologie de Raymond Sebond” colocando o homem no seu devido lugar, e afirmando que só através do auxílio de Deus e com a graça da fé cristã, é que este ser tão vaidoso poderá elevar-se acima da humanidade:

*“[C] C'est à nostre foy Chrestienne, non à sa vertu Stoiique, de pretendre à cette divine et miraculeuse metamorphose”<sup>94</sup>.*

---

<sup>92</sup> Cf. nota 12.

<sup>93</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 604.

<sup>94</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 604.

### 3. A crítica à razão humana e sua relação com a ciência

---

Uma observação que é importante destacar no início deste capítulo refere-se à concepção montaigneana de “ciência”, que se encontra na “Apologie de Raymond Sebond”. Quando Montaigne, na sua crítica radical à razão humana, se refere à ciência, o que subjaz às suas reflexões não é a concepção moderna de ciência. Ele não alude ao chamado “método científico experimental”, até porque este método ainda não existia. O termo “ciência” não tem o sentido que adquiriu depois da chamada Revolução Científica do século XVII. Assim, com o termo ciência Montaigne refere-se ao conjunto do conhecimento erudito de seu tempo.

*“La science du XVI<sup>e</sup> siècle n’est que philosophie. Elle s’arrête aux mots; jamais elle ne pénètre au fond des choses et ne suscite un effort critique”<sup>95</sup>.*

Sendo um pensador da última fase do período renascentista, período este em que não havia nenhuma diferença essencial entre a filosofia e a ciência, Montaigne procura expressar as suas ideias, os seus ideais, de sabedoria como tantos outros faziam, isto é, quando se refere à ciência está a referir-se aos doutos e aos filósofos em geral.

Logo no início da “Apologie”, Montaigne faz questão de afirmar que a ciência é algo muito útil e grande e os que a menosprezam dão prova bastante de estupidez. Sem desprezar, à partida, todo o esforço que muitos fazem para chegar a alcançar o conhecimento, Montaigne, por outro lado, não chega a estimar tanto a ciência:

*“[A] Comme Herillus le philosophe, qui logeoit en elle le souverain bien, et tenoit qu’il fut en elle de nous rendre sages et contents”<sup>96</sup>.*

Montaigne não crê nisto, nem tampouco no que outros disseram:

*“[A] que la science est mere de toute vertu, et que tout vice este produit par l’ignorance”<sup>97</sup>.*

Segundo ele mesmo atesta, a sua casa esteve habitualmente aberta às pessoas de saber e o seu pai buscou com grande cuidado e despesa o convívio dos homens doutos:

*“[A] les recevant chez luy comme personnes saintes et ayans quelque particuliere inspiration de sagesse divine [...]”<sup>98</sup>.*

---

<sup>95</sup> Villey: *op.cit.*, p. 214.

<sup>96</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 438.

<sup>97</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 438.

<sup>98</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 438-439.

Embora respirando toda uma atmosfera intelectual que havia em sua casa, Montaigne afirma no entanto, que gostava muito destes doutos frequentadores de sua casa, mas não os adorava.

Desde as primeiras afirmações de Montaigne na “Apologie”, é possível perceber até que ponto ele tem dificuldade em aceitar os chamados filósofos de profissão. Neste famoso texto, que é considerado por Villey “*le résumé du travail logique qui s’opère chez Montaigne entre 1573 et 1579 ou 1580*”<sup>99</sup>, podemos encontrar paradoxalmente, por um lado, uma valorização da razão enquanto único modo de investigação dos doutos e, por outro lado, que a razão é considerada como algo profundamente limitado, enquanto instrumento de acesso ao conhecimento.

Montaigne dedica muitas páginas a demonstrar que a ciência, fundada na razão, é vítima da vaidade humana e deve ser contestada. Isto pelo facto de que concebe a ciência como o esforço que deve ser útil à nossa felicidade:

*“[A] la philosophie me doit mettre les armes à la main pour combattre la fortune, qui me doit roidir le courage pour fouler aux pieds toutes les advertitez humaines [...]”*<sup>100</sup>.

O objectivo primeiro da filosofia é, portanto, a vida concreta. A atitude vaidosa da razão na busca do conhecimento causa no homem:

*“[A] l’inconstance, l’irresolution,, l’incertitude, le deuil, la superstition, la solitude de choses à venir, voire, apres nostre vie, l’ambition, l’avarice, la jalousie, l’envie, les appetits desreglez, foncez et indomptables, la guerre, la mensonge, la desloyauté, la detraction et la curiosité”*<sup>101</sup>.

Segundo Montaigne, pagamos um preço elevadíssimo por essa bela razão de que nos gloriamos e, por conseguinte, também pela capacidade de julgar e conhecer, sobretudo se forem adquiridas à custa destas paixões.

Montaigne não vê muita necessidade prática de querer mergulhar nos altos conhecimentos em que a filosofia está imersa. Para que serve o conhecimento (fruto da razão enganadora) de muitas coisas? Expressando a sua crítica à lógica aristotélica, afirma ironicamente:

*“[A] ont-ils tiré de la Logique quelques consolation à la goute?”*<sup>102</sup>.

---

<sup>99</sup> Villey: *op. cit.*, p. 182.

<sup>100</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 494.

<sup>101</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 486.

<sup>102</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 487.

Prosseguindo no mesmo registo irónico, pergunta se acaso se descobriu que a voluptuosidade e a saúde são mais deleitosas para quem conhece a astronomia e a gramática e menos importunas à desonra e a pobreza?<sup>103</sup>

Montaigne revela um significativo desprezo pelos filósofos que são escravos da razão e buscam tudo saber e fazer afirmações sobre todas as coisas. Ao mesmo tempo, manifesta uma forte tendência para valorizar o homem simples e ignorante:

*“[A] J’ay veu en mon temps cent artisans, cent laboureurs, plus sages et plus heureux que des recteurs de l’université, et lesquels j’aimerois mieux ressembler”*<sup>104</sup>.

Na sua apologia da ignorância, declara que o homem tem como quinhão a presunção e que a ignorância nos é recomendada até pela religião cristã: *“[A] La peste de l’homme, c’est l’opinion de sçavoir”*<sup>105</sup>.

Para Montaigne é necessário derrubar a tola vaidade e sacudir de uma maneira viva e corajosa os fundamentos ridículos sobre os quais se fundam as falsas ideias. Insiste continuamente no facto de que não necessitamos do saber produzido pela filosofia.

*“[A] C’étoit ce que disoit un senateur Romain des derniers siecles, que leurs predecesseurs avoient l’aleine puante à l’air, et l’estomac musqué de bonne conscience; et qu’au rebours ceux de son temps se sentoient au dehors que le parfum, puans au dedans toutes sorte de vices; c’est à dire, comme je pense, qu’ils avoient beaucoup de sçavoir et de suffisance, et grand faute de preud’hommie”*<sup>106</sup>.

O orgulho humano é visto pelo autor como algo que atrapalha fortemente na busca, não do conhecimento filosófico clássico, mas da sabedoria. Sócrates é referenciado na “Apologie”, entre outras coisas, como um grande sábio<sup>107</sup>. Não porque *“[C] le Dieu de sagesse luy avoit attribué le surnom de sage”*<sup>108</sup>, mas porque ele mesmo não se considerava sábio e porque a sua melhor ciência era a ciência da ignorância, e a sua melhor sabedoria a simplicidade de espírito.

---

<sup>103</sup>Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 487.

<sup>104</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 487.

<sup>105</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 488.

<sup>106</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 498.

<sup>107</sup> Podemos encontrar uma quantidade significativa de estudos acerca da figura de Sócrates nos *Ensaaios*. Destacamos aqui um artigo escrito por Celso Martins Azar Filho, cujo título é: *Montaigne e Sócrates: cepticismo, conhecimento e virtude*, que está publicado na Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo LVIII, do ano de 2002, Fasc. 4 (pp. 829-845). Com o seu artigo, o autor, propõe-se examinar qual o lugar e a importância deste filósofo no pensamento de Montaigne.

<sup>108</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 498.

O verdadeiro sábio, segundo Montaigne, é o homem que aprende que não aprendeu nada. Refere-se a isto de uma maneira muito elucidativa:

*“[A] Il est advenu aux gens véritablement sçavans ce qui advient aux espics de bled: ils vont s’eslevant et se haussant, la teste droite et fiere, tant qu’il sont vuides; mais, quand ils sont pleins et grossis de grain en leur maturité, ils commencent à s’humilier et à baisser les cornes. Pareillement, les hommes ayant tout essayé et tout sondé, n’ayant trouvé en cet amas de science et provision de tant de choses diverses rien de massif et ferme, et rien que vanité, ils ont renoncé à leur presumption et reconneu leur condition naturelle”<sup>109</sup>.*

Depois de descrever sinteticamente os atributos do sábio, Montaigne - considerado como um pensador que popularizou o pirronismo, praticando-o pessoalmente sobretudo na “Apologie” - afirma que toda a filosofia está distribuída por três gêneros. A sua principal fonte é a edição das obras de Sexto Empírico que surge em 1569. Montaigne enumera estas três filosofias da seguinte maneira: há os dogmáticos, os académicos e os pirrónicos<sup>110</sup>. Os dogmáticos afirmam que se pode ter acesso à ciência; os académicos não estão de acordo com os dogmáticos, isto é, consideram que não se pode ter acesso à ciência, e os pirrónicos estão ainda em busca da verdade. Estes declaram que os que pensam havê-la encontrado se enganam infinitamente. Segundo Montaigne, os pirrónicos têm como ofício:

*“[A] branler, douter et enquerir, ne s’asseurer de rien, de rien ne se respondre”<sup>111</sup>.*

Esta atitude condu-los, segundo Montaigne, à ataraxia, que é uma condição de vida tranquila, sossegada, isenta das agitações que recebemos pela impressão da opinião e ciência que julgamos ter das coisas. Esta indiferença pela ciência liberta os pirrónicos inclusivamente do espírito de rivalidade quanto à sua doutrina: debatem de maneira bem pouco vigorosa. Quando dizem que o pesado vai para baixo, ficariam bastante aborrecidos se acreditassem neles. Sendo assim, os pirrónicos, segundo Montaigne, procuram que os contradigam, para gerar *“[A] la dubitation et surceance (suspension) de jugement, qui est leur fin”<sup>112</sup>.*

Os pirrónicos são partidários da dúvida extrema. Expõem as suas opiniões apenas para combater aquelas em que pensam que acreditamos. Diz Montaigne:

---

<sup>109</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 500.

<sup>110</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 502.

<sup>111</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 502.

<sup>112</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 503.

*“[A] Si vous prenez la leur, ils prendront aussi volontiers i la contraire à soutenir: tout leur est un; ils n’y ont aucun choix. Si vous établissez que la neige soit noire, ils augmentent au rebours qu’elle est blanche. Si vous dites qu’elle n’est ny l’un ny l’autre, c’est à eux à maintenir qu’elle est tous les deux. Si, par certain jugement, vous tenez que vous n’en sçavez rien, ils vous maintiendront que vous ne sçavez. Oui, et si, par un axiome affirmatif, vous asseurez que vous en doutez, ils vous iront débattant que vous n’en doutez pas, ou que vous ne pouvez juger et établir que vous en doutez. Et, par cette extrémité de doute qui se secoue soy-mesme, ils se separent et se divisent de plusieurs opinions, de celles mesme qui ont maintenu en plusieurs façons le double et l’ignorance”<sup>113</sup>*

*[...]. Leurs façon de parler sont: Je n’établis rien; il n’est non plus ainsi qu’ainsi, ou que ny l’un ny l’autre; je ne le comprends point; les apparences sont égales par tout; la loi de parler et pour et contre, est pareille. [C] Rien ne semble vray, qui ne puisse sembler faux. [A] Leur mot sacramental, c’est ἐπέχω, c’est à dire je soutiens, je ne bouge”<sup>114</sup>.*

Os pirrónicos servem-se de sua razão para inquirir e debater, mas não para decidir e escolher.

Um outro aspecto que leva Montaigne a identificar-se com o pirronismo, a única filosofia por ele respeitada, é a visão pirrónica relativamente às acções da vida. Os seus defensores prestam-se e acomodam-se às inclinações naturais, ao impulso e à imposição das paixões, às decisões das leis e dos costumes.

*“[A] Ils laissent guider à ces choses là leurs actions communes, sans aucune opinion ou jugement”<sup>115</sup>.*

Neste sentido, Montaigne defende o pirronismo sobretudo por causa de sua virtude moral<sup>116</sup>. Sustenta que é importante fomentar o juízo livre ou a suspensão do juízo, que é a atitude dos pirrónicos. Por outro lado, não pode concordar com a posição dos que aceitam a arbitrária submissão a algum tipo de autoridade ou opinião (os dogmáticos). Importa salientar, no entanto, que o autor da “Apologie” consegue distanciar-se dos pirrónicos que se recusam a fazer qualquer juízo. Montaigne, por ser um pensador livre, inclusive dos argumentos pirrónicos, não suspende os seus próprios

<sup>113</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 503.

<sup>114</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 505.

<sup>115</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 505.

<sup>116</sup> Para Montaigne, o pirronismo não é uma doutrina, ou um sistema filosófico do qual ele é adepto. É sobretudo uma atitude de espírito ou uma tendência do pensamento. Ele tem consciência da dificuldade que esta filosofia encontra para consolidar-se em termos de coerência lógica. Se, do ponto de vista lógico, não há solução permanente satisfatória para o pirronismo, ele torna-se uma opção ética, na medida em que possibilita aos seus adeptos “[B] de maintenir leur liberté, et considerer les choses sans obligation et servitude” (*Les Essais*: II, 12, p. 504).

juízos. Muito pelo contrário, emite muitos. Exprime as suas opiniões sem cessar. Chega até a afirmar que a razão é:

*“[A] sa pierre de touche à toutes sortes d’essais; mais certes c’est une touche pleine de fauceté, d’erreur, de foiblesse et de faillance”<sup>117</sup>.*

Na “Apologie”, Montaigne recorre aos tropos (segundo a designação de Sexto Empírico), tomando-os como os principais argumentos contra a filosofia denominada dogmática. Estes argumentos cépticos têm por finalidade provar que é impossível alcançar a verdade. Fundamentado nas reflexões pirrónicas, não considera a ciência como um verdadeiro conhecimento. O saber humano é considerado sem efeito por causa de todo o tipo de divergências que há entre os homens.

Há, segundo Montaigne, uma imensa e infinita confusão de opiniões entre os filósofos, e tudo isto deve-se ao debate perpétuo e universal acerca do conhecimento das coisas. Eles não estão de acordo em nada, nem sequer em que o céu está por cima das nossas cabeças<sup>118</sup>, afirma ironicamente. E isto deve-se à falta de constância do juízo. Quantas vezes julgamos nós as coisas? Quantas vezes alteramos as nossas opiniões? Nesta perspectiva, percebemos a atitude relativista de Montaigne:

*“[A] Ce que je tiens aujourd’huy et ce que je croy, je le tiens et le croy de toute ma croyance; tous mes utils et tous mes ressorts empoignent cette opinion et m’en respondent, sur tout ce qu’ils peuvent. Je me sçaurois embrasser aucune verité ny conserver avec plus de force que je fay cette cy. J’y suis tout entier, j’y suis voyrement; mais ne m’est il pas advenu, non une foi, mais cent, mais mille, et tous les jours, d’avoir embrassé quelqu’autre chose à tout ces mesmes instrumens, en cette mesme condition, que depuis j’aye jugée fauce? Au moins faut il devenir sage à ses propres despans”<sup>119</sup>.*

Montaigne não pretende condenar a tendência à mudança perene que é constitutiva do homem. O que ele pretende é que o homem se comporte de uma forma mais moderada e discreta em face das mudanças. Sugere que nos tornemos sábios à nossa própria custa<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 540.

<sup>118</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 563.

<sup>119</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 563.

<sup>120</sup> Conche, na sua obra de introdução aos *Essais*, intitulada *Montaigne ou la conscience heureuse* apresenta uma reflexão muito sugestiva relativamente ao tema da sabedoria. Para este autor, os *Essais* sugerem-nos que compreendamos a filosofia como uma aprendizagem da sabedoria e não do saber. Em seu entender, Montaigne não tem nenhum interesse em elaborar um sistema filosófico, porque isto supõe que uma verdade permanece o que ela é. Um sistema filosófico crê que há verdades e que elas são acessíveis por evidência, ou seja, que a certeza posta à prova é realmente uma certeza de direito. Estes princípios são sem valor para Montaigne, eleja que este não crê na possibilidade de confirmar as nossas certezas (cf. Conche: 2009, *op. cit.*, 65).



O arauto do juízo é o homem concreto que vive uma vida real. Não é um ser abstracto. Por isso, Montaigne afirma:

*“[A] Ce ne sont pas seulement les fievres, les breuvages et les grands accidens qui renversent nostre jugement; les moindres choses du monde le tournevirent [...] et, par conséquent, à peine se peut il rencontrer une seule heure en la vie où nostre jugement se trouve en sa deuë assiette, nostre corps estant subject à tant de continuelles mutations, et estofé de tant de sortes de ressorts, que ( j'en croy les medecins) combien il est malaisé qu'il n'y en ayt tousjours quelqu'un qui tire de travers”<sup>121</sup>.*

Vejamos uma definição da razão na “Apologie”:

*“[A] la raison va tousjours torte, et boiteuse, et deshanchée, et avec le mensonge comme avec la verité. Par ainsin, il est malaisé de decouvrir son mescompte, et desreglement. J'appelle tousjours raison cette apparence de discours que chacun forge en soy : cette raison, de la condition de laquelle, il y en peut avoir cent contraires autour d'un mesme subject, c'est un instrument de plomb et de cire, alongeable, ployable, et accommodable à tous biais et à toutes mesures il ne reste que la suffisance de le sçavoir contourner”<sup>122</sup>.*

Através desta concepção de razão fica suficientemente clara a crítica destruidora de Montaigne à filosofia dogmática, que considera a razão como uma faculdade que permite ao homem – entre tantas outras atribuições – conhecer e acumular um saber útil e julgar sobre o bem e o mal.

Envolvendo-se de uma maneira muito pessoal – como é característico do estilo literário dos *Essais* – nesta reflexão sobre a razão, Montaigne toma a liberdade de fazer uma pequena descrição de sua personalidade. Vale a pena citar algumas destas passagens, porque são um reflexo do pensamento do autor:

*“[A] J'ay le pied si instable et si mal assis, je le trouve si aysé à crouler, et si prest au branle, et ma veuë si desreglée, que à jun je me sens autre qu'apres le repas; si ma santé me rid et l.a clarté d'un beau jour, me voylà honneste homme; si j'ay un cor qui me presse l'orteil, me voylà renfroigné, mal plaisant et inaccessible [...]. Maintenant je suis à tout faire, maintenant à rien faire; ce qui m'est plaisir à cette heure, me sera quelque fois peine [...] Ou l'humeur melancholique me tient, ou la choleriqu [...]. Quand je prens des livres, j'auray apperceu en tel passage des graces excelentes et qui auront feru mon ame; qu'un' autre fois j'y retombe, j'ay beau le tourner et virer, j'ay beau le plier et le manier, c'est une masse inconnue et informe pour moy [...]. [B] [...] mon jugement ne tire pas tousjours avant; il flotte, il vague”<sup>123</sup>.*

---

<sup>121</sup> *Les Essais*, II, 12, pp. 564-565

<sup>122</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 565.

<sup>123</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 565-566.

Montaigne dá-se claramente conta de que não encontramos segurança nos nossos juízos. As nossas paixões apresentam uma enorme quantidade de fantasias. Sobre isto não podemos alcançar nenhuma segurança, porque nos deparamos com coisas muito instáveis e móveis. Sustenta além disso que, se os nossos juízos estão nas mãos até mesmo da doença e da perturbação, não podemos esperar deles nada seguro.

Foi a partir desta consciência de sua volubilidade que Montaigne chegou a estabelecer em si mesmo uma certa constância de ideias, a ponto de dificilmente alterar as ideias primeiras e naturais, como ele mesmo reconhece. Afirma, no entanto, que não é capaz de decidir. Por isso, adota as decisões de outrem e mantém-se na posição em que Deus o pôs. O seu “conservadorismo”<sup>124</sup> religioso e até político manifesta-se claramente nos *Essais*. Mas, ao mesmo tempo, e este é o ponto que mais nos interessa neste trabalho, deixa transparecer que o homem é sempre convidado a estar aberto às mudanças:

*“[A] Le ciel et les estoilles ont branlé trois mille ans; tout le monde l'avoit ainsi creu, jusques à ce que [C] Cleanthes le Samien ou, selon Theophraste, Nicetas Siracusien [A] s'avisa de maintenir que c'estoit la terre qui se mouvoit [C] par le cercle oblique du Zodiaque tournant à l'entour de son aixieu; [A] et, de nostre temps, Copernicus a si bien fondé cette doctrine qu'il s'en sert tres-regléement à toutes les consequences Astronomiques”, conclui o autor, “sinon qu'il ne nous doit chaloir le quel ce soit des deux? Et qui sçait qu'une tierce opinion, d'icy à mille ans, ne renverse les deux precedentes”?*<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> Trata-se de um termo que não tinha na época de Montaigne o mesmo significado que tem hoje, isto é, como oposto de “progressismo”. Montaigne estava inserido numa sociedade marcada por grandes inovações, pretendidas pelos partidários da Reforma Protestante, que se defendiam a ferro e fogo, acirrando certezas antes adormecidas e impondo à França as mais sérias turbulências: “[B] *Je suis desgousté de la nouvelleté, quelque visage qu'elle porte, et ay raison, car j'en ay veu des effets tres-dommageables. Celle qui nous presse depuis tant d'ans, elle n'a pas tout exploicté, mais on peut dire avec apparence, que par accident elle a tout produit et engendre: voire et les maux et ruines, qui se font depuis sans elle et contre elle: c'est à elle à s'en prendre au nez*” (*Les Essais*: I, 23, p. 119). É nesta perspectiva que vários comentadores observam que Montaigne não poderia ser um homem “revolucionário”, e sim alguém que achasse melhor defender uma confiança moderada no lento aperfeiçoamento das instituições: “[C] *Les François mes contemporanées sçavent bien qu'en dire. Toutes grandes mutations esbranlent l'estat et le desordonnent*” (*Les Essais*: III, 9, p. 958). Isto permite compreender melhor alguns dos motivos pelos quais Montaigne assume as posições políticas e religiosas “conservadoras” que estão presentes nos *Essais*. Muito interessante é uma afirmação de Jean Lacouture, na sua obra *Montaigne à cheval* – considerada como uma espécie de biografia que denota um entusiasmo significativo e algo romanceado, fundamentada numa documentação importante – na qual o autor reflecte sobre esta questão: “*Montaigne é grande o bastante para poder ser avaliado sob outros aspectos que não a obediência às práticas e costumes de seu tempo. Quando se é capaz, no que diz respeito à justiça, à tolerância, ao racismo e à colonização, de estar muitos séculos à frente dos costumes e ideias de seu tempo, pode-se ser julgado sem que considerações de época ou de moda sejam levadas em conta*” (In. Lacouture, Jean. *Montaigne à cheval (Montaigne a cavalo)*. Traduzido do francês por F. Rangel. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1998: p. 236).

<sup>125</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 570.

E, para fundamentar ainda mais esta ideia, cita Lucrécio:

*“[A] Sic volvenda ætas commutat tempora rerum: Quod fuit in pretio, fit nullo denique honore; Porro aliud succedit, et è contemptibus exit, Inque dies magis appetitur, florétque repertum Laudibus, Et miro est mortales inter honore ( “Ainsi dans sa course le temps change les conditions des choses: ce qui était apprécié tombe dans le mépris; un autre objet remplace le premier et sort du discrédit; de jour en jour on le recherche davantage, la découverte nouvelle toutes les louanges et une incoyable estime parmi les hommes)”<sup>126</sup>.*

Podemos inferir daqui que “os princípios eternos” não têm lugar na “Apologie de Raymond Sebond”. Montaigne faz questão de observar que, antes de os princípios introduzidos por Aristóteles ganharem crédito, outros princípios contentavam a razão humana. Os princípios aristotélicos, como todos os outros, não estão mais livres de ser expulsos do que estavam os dos seus antecessores.

Segundo Montaigne, o juízo depende dos sentidos, aos quais, por sua vez, não podemos dar crédito por vários motivos. Vejamos com mais detalhes este aspecto. É justamente nos sentidos que se encontra o maior fundamento e a prova de nossa ignorância. Montaigne, baseado na experiência de vida, lembra-nos que não há sentido ou aspecto, nem recto, nem amargo, nem doce, nem curvo, que o espírito humano não encontre nos escritos que decide esquadriñar. Os sentidos são muito enganadores. A palavra mais límpida, mais pura, e mais perfeita pode tornar-se equívoca. Montaigne refere-se especialmente ao Evangelho<sup>127</sup>. Fizeram ao longo da história “tudo e mais alguma coisa” com este texto sagrado para os cristãos. E que ocorreria se estendêssemos esta preocupação de Montaigne aos gestos humanos que querem exprimir ideias ou sentimentos nas várias dimensões da vida moral, política, etc.?

*“[C] Est-il possible qu’Homere aye voulu dire tout ce qu’on luy faict dire”<sup>128</sup>. E com relação a Platão? “[C] Voyez demener et agiter Platon. Chacun, s’hororant de l’appliquer à soi, le couche du costé qu’il le veut”<sup>129</sup>.*

Montaigne observa ainda que, com frequência, é difícil decidir-se, porque há demasiadas formas de interpretar um determinado assunto para que o homem consiga encontrar alguma indicação que lhe sirva para resolver a questão.

---

<sup>126</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 570.

<sup>127</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 585.

<sup>128</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 586.

<sup>129</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 587.

Montaigne afirma que todo o conhecimento chega até nós pelos sentidos: *[A] Ce sont nos maistres*”<sup>130</sup>. Observa que a ciência começa pelos sentidos e a eles se reduz. Eles são a base e os princípios de toda a construção de nossa ciência. E considera que não há absurdo mais extremo do que sustentar que:

*“[A] le feu n’eschaufe point, que la lumiere n’esclaire point, qu’il n’y a point de pesanteur au fer ny de fermeté, qui sont notices que nous apportent les sens, nycreance ou science en l’homme qui se puisse comparer à celle-là en certitude”*<sup>131</sup>.

Montaigne põe em dúvida que o homem esteja provido de todos os sentidos naturais. Chega inclusivamente a perguntar-se se não nos falta algum sentido. E afirma que, se isto ocorrer, nem a nossa razão pode descobrir a sua ausência nem há nada à margem dos sentidos que nos possa servir para os descobrir:

*“[A] Ils font trestons la ligne extreme de nostre faculté [...]. Il est impossible de faire concevoir à un homme naturellement aveugle qu’il n’y void pas, impossible de luy faire desirer la veue et regretter son defect”*<sup>132</sup>.

Sendo assim, afirma que, quando formamos uma verdade pela consulta e cooperação dos sentidos, poderíamos também ser levados a considerar que poderia ser necessária a convergência e a contribuição de oito ou dez sentidos para a captar acertadamente e na sua essência.

Uma das críticas fundamentais de Montaigne à ciência incide precisamente no facto de ela se basear nos sentidos. Mas, como vimos, os sentidos são muito incertos e frágeis. Desta extrema dificuldade nascem muitas opiniões (“fantasies”):

*“[A] Que chaque sujet a en soy tout ce que nous y trouvons; qu’il n’a rien de ce que nous y pensons trouver; et celle de Epicuriens, que le Soleil n’est non plus grand que ce que nostre veuë le juge [...]. (A) que les apparences qui representent un corps grand à celui qui en est voisin, et plus petit à celui qui en est esloigné, sont toutes deux vrayes [...] [A] et resolutement qu’il n’y a aucun tromperie aux sens; qu’il faut passer à leur mercy, et chercher ailleurs des raisons pour excuser la difference et contradiction que nous y trouvons; voyre inventer toute autre mensonge et resverie (ils en viennent jusques là) plustot que d’accuser les sens [...]. [A] De toutes les absurditez la plus absurde [C] aux Epicuriens [A] est davoüer la force et effect des sens”*<sup>133</sup>.

---

<sup>130</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 587.

<sup>131</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 588.

<sup>132</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 589.

<sup>133</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 591.

Segundo Montaigne, não podemos livrar-nos dos sentidos se queremos construir o conhecimento. Mas os sentidos são incertos, falsificáveis e enganadores<sup>134</sup>. E entende também que se é verdade que os sentidos são os nossos primeiros juízes<sup>135</sup>, então não devemos limitar-nos a convocar apenas os nossos para o conselho, pois no que se refere aos sentidos os animais têm tanto direito quanto nós, ou mais. Montaigne observa ainda que os sentidos do homem estão em desacordo com os sentidos dos animais. E é por isto que:

*“[A] Pour le jugement de l’action des sens, il faudroit donc que nous en fussions premierement d’accord avec les bestes, secondement entre nous memes. [...] et entrons en debat tous les coups de ce que l’un oit, void ou goute quelque chose autrement qu’un autre; et debatons, autant que d’autre chose, de la diversité des images que le sens nous raportent”*<sup>136</sup>.

Concluindo a exposição acerca dos sentidos, Montaigne lembra-nos que os sentidos são para algumas pessoas mais obscuros e mais velados, enquanto que para outras pessoas são mais claros e apurados. Em seu entender, recebemos as coisas de forma diferente, de acordo com o que somos e com o que nos parece. Mas, se o parecer nos é tão incerto e controverso:

*“[A] Ce n’est plus miracle si on nous dict que nous pouvons avouër que la neige nous apparoit blanche, mais que d’establir si de son essence elle est telle et à la verité, nous ne nous en sçaurions respondre”*<sup>137</sup>.

Tendo em conta todos os atributos dos sentidos acima mencionados, Montaigne dificilmente poderia chegar a uma outra conclusão:

*“[A] ce commencement esbranlé, toute la science du monde s’en va necessairement à vau-l’eau”*<sup>138</sup>.

Referindo-se a Teofrasto, Montaigne recorda-nos que este pensador dizia que o conhecimento humano, guiado pelos sentidos, podia julgar sobre as causas das coisas até certo ponto. Mas que, ao chegar às causas extremas e primeiras, tinha de deter-se a embotar-se, devido ou à sua fragilidade ou à dificuldade das coisas. Montaigne afirma:

---

<sup>134</sup> Assim como os sentidos são enganadores, são também enganados. “[A] Cette mesme piperie que les sens apportent à nostre entendement, ils la reçoivent à leur tour. Nostre ame par fois s’en revenge de mesme; [C] ils mentent et se trompent à l’envy. [A] Ce que nous voyons et oyons agitez de colere, nous ne l’oyons pas tel qu’il est [...]. L’object que nous ayons nous semble plus beau qu’il est [...]. [A] et plus laid celui que nous avons à contre coeur [...]. Nos sens sont non seulement alterez, mais souvent hebelez du tout par les passions de l’ame. Combien de choses voyons nous, que nous n’a appercevons pas si nous avons nostre esprit empesché ailleurs? (Les Essais: II, 12, pp. 495-496).

<sup>135</sup> Cf. Les Essais: II, 12, p. 596.

<sup>136</sup> Les Essais: II, 12, p. 598.

<sup>137</sup> Les Essais: II, 12, pp. 598-599.

<sup>138</sup> Les Essais: II, 12, p. 599.

*“[A] C'est une opinion moyenne et douce, que nostre suffisance nous peut conduire jusques à la cognoissance d'aucunes choses, et qu'elle a certaines mesures de puissance, outre lesquelles c'est temerité de l'employer. Cette opinion est plausible et introduicte par gens de composition; mais il est malaisé de donner bornes à nostre esprit: il est curieux et avide, et n'a point occasion de s'arrester plus tost à mille pas qu'à cinquante”<sup>139</sup>.*

Montaigne procura aqui justificar a sua tese de que o conhecimento empírico ou sensível não tem condições para permitir captar princípios e verdades universais. A razão humana, por ser um instrumento impotente, não consegue dar explicações convincentes das grandes questões da humanidade. Consegue apenas explicar algumas poucas coisas. Se a razão é incapaz de dar respostas profundas e aceitáveis às grandes questões – como, por exemplo, às causas primeiras – ela é descartável e, no que toca à busca do conhecimento, não serve para quase nada. Daí que Montaigne afirme que o homem é capaz de todas as coisas e de nenhuma. E se confessa a ignorância das causas primeiras e dos princípios, então que abandone também prontamente todo o resto da sua ciência.

Se a alma conhecesse alguma coisa, começaria por se conhecer a si mesma:

*“[A] et, si elle sçavoit quelque chose, elle se sçauroit premierement elle mesme; et, si elle sçavoit quelque chose hors d'elle, ce seroit son corps et son estuy, avant toute autre chose”<sup>140</sup>.*

Montaigne refere-se aqui especialmente ao chamado conhecimento da medicina. Para ele, a medicina não consegue sair do ciclo vicioso das discussões. Ressalta o facto de que “les dieux” desta ciência também não conseguem chegar a acordo algum. Daí, mais uma vez, a atitude pirrónica de Montaigne:

*“[A] Si l'homme ne se connoit, comment connoit il ses fonctions et ses forces?”<sup>141</sup>*

O autor debate-se com o problema da verdade: o que é a verdade? Na “Apologie” sustenta que a verdade é inacessível e flutuante. Neste ponto Montaigne é fiel ao cepticismo, que tem como característica dominante a atitude de estar sempre em busca da verdade, num processo que ocorre sempre dentro de um eterno movimento e nunca se fixa definitivamente em nenhum ponto:

---

<sup>139</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 560.

<sup>140</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 561.

<sup>141</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 561.

*“[B] La veuë de nostre jugement se rapporte à la verité, comme faict l’oeil du chat-huant à la splendeur du Soleil, ainsi que dit Aristote. Par où le sçaurions nous mieux convaincre que par si grossiers aveuglemens en une si apparente lumiere?”<sup>142</sup>*

Esta concepção flutuante da verdade é uma característica distintiva, não só da “Apologie”, mas também de outros ensaios montaigneanos. O autor não faz nenhuma afirmação definitiva sobre nenhuma questão. A sua preocupação principal não é encontrar a solução dos diversos problemas que envolvem o homem, mas sim tentar compreender-se a si próprio: “[...] *je suis moy-mesmes la matiere de mon livre*”<sup>143</sup>. Isto exclui as verdades fixadas pela tradição filosófica e, neste sentido, o pensamento de Montaigne desenvolve-se à margem do dogmatismo. Rejeita os pedantes, isto é, aqueles que acreditam que adquirem o conhecimento utilizando termos, palavras ou frases obscuros.

Montaigne insiste na dimensão instável e incerta do nosso conhecimento, que não consegue alcançar a verdade:

*“[A] Toutes choses produites par nostre propre discours et suffisance, autant vrayes que fauces, sont subjectes à incertitude et debat. C'est pour le chastiment de nostre fierté, et instruction de nostre misere et incapacité, que Dieu produisit le trouble et la confusion de l'ancienne tour de Babel. Tout ce que nous entreprenons sans son assistance, tout ce que nous voyons sans la lampe de sa grace, ce n'est que vanité et folie; L'essence mesme de la verité, qui est uniforme et constante, quand la fortune nous en donne la possession, nous la corrompons et abastardissons par nostre foiblesse”<sup>144</sup>*

A verdade deve ter “[A] *un visage pareil et universel*”<sup>145</sup>. Uma outra característica da verdade salientada por Montaigne é que ela “[A] *ne se juge point par autorité et tesmoignage d'autrui*”<sup>146</sup>. Neste sentido, a verdade é fundamentalmente pessoal. Observando cuidadosamente estes atributos da verdade podemos perceber por que razão Montaigne faz a seguinte afirmação:

*“[A] la verité est engoufflée dans des profonds abysmes où la veuë humaine ne peut penetrer”<sup>147</sup>.*

Dito de outro modo, a verdade está oculta em Deus e não é propriamente dos homens, dos filósofos, dos doutos:

---

<sup>142</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 552.

<sup>143</sup> *Les Essais*: Au lecteur, p. 3.

<sup>144</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 553.

<sup>145</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 578-579.

<sup>146</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 507.

<sup>147</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 561.

*“[A] C’est à elle (la majesté divine) seule qu’appartient la science et la sapience”<sup>148</sup>.*

A crítica montaigneana à razão humana manifesta aqui a impossibilidade de se ter um conhecimento credível em todos os domínios da vida. A razão, por ser infinitamente limitada, não consegue chegar a ser uma faculdade que garanta a descoberta, e por conseguinte a sistematização da verdade, que é algo móvel, pessoal, temporal e também paradoxal.

Lendo os pensadores antigos, Montaigne suscita uma questão fundamental. Em seu entender, há uma espécie de distanciamento ou divórcio entre o conhecimento da essência e o conhecimento da aparência. Como é possível, então, observa Montaigne, que eles se deixam vencer pela verosimilhança, se não conhecem a verdade? Como é possível que conheçam a aparência de algo cuja essência não conhecem? Diante destas dificuldades o autor da “Apologie” sustenta:

*“[A] Ou nous pouvons juger tout à faict, ou tout à faict nous ne le pouvons pas. Si noz facultez intellectuelles et sensibles sont sans fondement et sans pied, si elles ne font que floter et vanter, pour neant laissons nous emporter nostre jugement à aucune partie de leur operation, quelque apparence qu’elle semble nous presenter; et la plus seure assiette de nostre entendement, et la plus heureuse, ce seroit celle-là où il se maintiendrait rassis, droit, inflexible, sans bransle et sans agitation”<sup>149</sup>.*

Segundo Montaigne, as coisas não se alojam em nós com a sua forma e a sua essência. Se assim fosse, recebê-las-íamos dessa forma. O vinho seria o mesmo na boca de quem quer que fosse. Mas não é o que acontece: a filosofia causa uma infinita confusão de opiniões e um eterno debate sobre o conhecimento das coisas. Deixemos o próprio autor falar:

*“[A] Car cela est presupposé tres-veritablement, que de aucune chose les hommes, je dy les sçavans les mieux nais, les plus suffisans, ne sont d’accord, non pas que le ciel soit sur nostre teste; car ceux qui doutent de tout, doutent aussi de cela; et ceux qui nient que nous puissions aucune chose comprendre, disent que nous n’avons pas compris que le ciel soit sur nostre teste; et ces deux opinions sont en nombre, sans comparaison les plus fortes”<sup>150</sup>.*

Montaigne reconhece que os seus juízos acerca de tudo aquilo que é falso e/ou verdadeiro ocorrem de uma maneira condicionada, dependendo da sua situação interior

---

<sup>148</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 448.

<sup>149</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 562.

<sup>150</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 563.



e exterior. A sua posição em face das diversas situações concretas da vida é muito dependente das suas opiniões, que podem ser hoje umas e outras, diferentes ou até contrárias, amanhã. Em seu entender, até o próprio ar que respiramos e a serenidade do céu produzem em nós alguma alteração. Recorda um verso de Cícero:

*“[A] Tales sunt hominum mentes, quali pater ipse Juppiter auctifera lustravit lampade terras (Les pensées des hommes changent avec les rayons féconds du soleil que Jupiter leur envoie)”<sup>151</sup>.*

Noutro ensaio do livro III intitulado “Du repentir”, Montaigne, depois de afirmar que o mundo é movimento e que tudo nele muda continuamente, faz uma observação de grande importância que pode ser inserida neste contexto:

*“[B] Tant y a que je me contredits bien à l’aventure, mais la vérité, comme disoit Demandes, je ne la contredy point. Si mon ame pouvoit prendre pied, je ne m’essaierois pas, je me resoudrois: elle est toujours en apprentissage et en espreuve”<sup>152</sup>.*

Montaigne questiona de forma radical todos os que se orgulham de sua razão e acreditam na certeza de todos os seus princípios. Utiliza a própria razão para arruinar a razão dos filósofos profissionais, ou seja, os seguidores cegos da lógica aristotélica. Em suma, combate a razão com a própria razão e nega o seu valor.

No texto seguinte Montaigne faz uma espécie de caracterização da escolástica<sup>153</sup> e da lógica aristotélica<sup>154</sup>. É um texto fundamental da “Apologie”, no qual o autor se refere claramente à hierarquia filosófica aristotélica, na qual encontramos a metafísica como “ciência mais correcta”:

*“[A] Il est bien aisé, sur des fondemens avouez, de bastir ce qu’on veut: car, selon la loy et ordonnance de ce commencement, le reste des pieces du bastiment se conduit aysément, sans se démentir. Par cette voye nous trouvons nostre raison bien fondée, et discourons à boulevue: car nos maistres praeoccupent et gagnent avant main autant de lieu en nostre creance qu’il leur en faut pour conclurre apres ce qu’ils veulent, à la mode des Geometriens, par leurs demandes avouées: le consentement et*

---

<sup>151</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 564.

<sup>152</sup> *Les Essais*: III, 2, p. 805.

<sup>153</sup> Na época em que Montaigne escreveu a “Apologie”, a doutrina escolástica era caracterizada por um excesso de formalismo e de abstracção, o que o levou a demonstrar uma aversão profunda por essa filosofia.

<sup>154</sup> Segundo Friedrich, há na “Apologie de Raymond Sebond” alguns “faibles traces” de uma leitura de Aristóteles, já que naquela época este pensador grego exercia a sua última grande influência sobre os humanistas. Aristóteles é para Montaigne a “quintessence” da autoridade magistral, que obstaculiza a sua relação livre com a tradição: “Sa doctrine nous sert de loy magistrale, qui est à l’aventure autant fause qu’une autre” (*Les Essais*: II, 12, p. 521 a; 279). Friedrich observa no entanto que não é possível fixar exactamente em que medida Montaigne leu Aristóteles e considera que não se trata de uma leitura muito sólida (Cf. Friedrich: *op. cit.*, p. 67).

*approbation que nous leurs prestons leur donnant dequoy nous trainer à gauche et à dextre, et nous pyroueter à leur volonté. Quiconque est creu de ses presuppositions, il est nostre maistre et nostre Dieu: il prendra le plant de ses fondemens si ample et si aisé que, par iceux, il nous pourra monter, s'il veut, jusques aux nuës. En cette pratique et negotiation de science, nous avons pris pour argent content le mot de Pythagoras, que chaque expert doit estre creu en son art. Le dialecticien se rapporte au grammairien de la signification des mots: le Rhetoricien emprunte du Dialecticien les lieux des arguments; le poete, du musicien les mesures; le geometrien, de l'arithmeticien les proportions; les metaphysiciens prennent pour fondement les conjectures de la physique. Car chasque science a ses principes presupposez par où le jugement humain est bridé de toutes parts. Si vous venez à choquer cette barriere en laquelle gist la principale erreur, ils ont incontinent cette sentence en la bouche, qu'il ne faut pas debattre contre ceux qui nient les principes”<sup>155</sup>.*

Se a verdade – como tudo parece indicar – se dá a conhecer através das causas, – haverá que fazer referência às quatro causas<sup>156</sup> presentes na filosofia aristotélica. Se o homem realmente conseguir conhecer estas causas terá um conhecimento “científico” da substância que procura. Por isso, Montaigne quer invalidar a filosofia dita dogmática de Aristóteles rejeitando claramente a tese das quatro causas. Em seu entender, esta teoria não passa de um engano. O autor da “Apologie” sugere que a teoria das quatro causas só serve para prejudicar os homens que, ludibriados pelo poder da razão, não cessam de correr atrás do conhecimento das causas, que lhe é, por seu turno, inacessível. A verdade das causas está acima de nossas capacidades racionais.

Assumindo a postura pirrónica de Sexto Empírico – que foi, aliás, um acérrimo opositor de Aristóteles – Montaigne procurou fazer algo semelhante. Isto é, procurou atacar as bases da ciência escolástica (sobretudo preocupada em conciliar a razão com a fé, apoiando-se na filosofia grega, principalmente a aristotélica) e, por conseguinte, de todos os outros sistemas dogmáticos. Numa perspectiva céptica sextiana, Montaigne trava uma batalha contra os princípios da metafísica, tidos como os mais correctos. Esta visão aristotélica quer estabelecer uma ligação entre o pensamento e o juízo humanos e os obriga a não evitar as questões pré-existentes. Segundo Montaigne, esta concepção

---

<sup>155</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 540.

<sup>156</sup> Aristóteles apresenta estas causas particularmente nos livros I e II da *Metafísica*. São elas: causa material, isto é, aquilo de que é feita uma coisa: por exemplo, a matéria do homem é a carne e os ossos, a matéria da mesa é a madeira e assim por diante; causa formal, isto é, a forma ou essência das coisas: por exemplo, o rio e o mar são as formas da água, um tapete é a forma assumida pela matéria lã com a acção do artífice; causa eficiente ou motriz, isto é, aquilo de que provêm a mudança e o movimento das coisas: por exemplo, o artífice é a causa eficiente que faz a lã receber a forma do tapete, o gelo é a forma que faz os corpos quentes tornarem-se frios e causa final, isto é, a causa que constitui o fim ou o propósito das coisas e acções: por exemplo, o bem é a causa final da política, a felicidade é a causa final da acção ética e assim por diante.

também não põe em evidência o facto de que o conhecimento adquirido por este processo fica enclausurado dentro de um *círculo vicioso*. Deixemos o próprio autor falar:

*“[A] Pour juger des apparences que nous recevons des sujets, il nous faudroit un instrument judiciaire; pour verifier cet instrument, il nous y faut de la demonstration; pour verifier la demonstration, un instrument: nous voila au rouet. Puis que les sens ne peuvent arrester nostre dispute, estans pleins eux-mesmes d'incertitude, il faut que ce soit la raison; aucune raison ne s'establira sans une autre raison: nous voylà à reculons jusques à l'infy. Nostre fantasie ne s'applique pas aux choses estrangeres, ains elle est conceue par l'entremise des sens; et les sens ne comprennent pas le subject estranger, ains seulement leurs propres passions; et par ainsi la fantasie et apparence n'est pas du subject, ains seulement de la passion et souffrance du sens, laquelle passion et subject, sont choses diverses: parquoy qui juge par les apparences, juge par chose autre que le subject [...]”<sup>157</sup>.*

Os escolásticos não testaram as suas ideias através dos factos. “Ils ne se rapportent pas à l’expérience, ils n’essaient jamais leurs opinions. Leur travail consiste uniquement à tirer des déductions de principes et d’axiomes qu’ils n’examinent jamais. Leurs principes sont faux; les conséquences qu’ils en déduisent sont donc fausses nécessairement; mais ils ne s’en soucient pas. La méthode scolastique et logicienne triomphe toujours et rend tous les efforts stériles”<sup>158</sup>. Montaigne dá-se conta de que a capacidade do homem de conhecer algo está profundamente relacionada com a contingência e que esta mesma capacidade está subordinada aos sentidos, que são “maintesfois maistres du discours”<sup>159</sup>, mas que, ao mesmo tempo, são incertos e falsificáveis. E, portanto, esta ciência é incapaz de chegar a certezas credíveis.

---

<sup>157</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 600-601.

<sup>158</sup> Villey: *op. cit.*, pp. 214-215.

<sup>159</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 592.

## 4. A crítica à razão humana e o relativismo da moral

---

Quando lemos a “Apologie de Raymond de Sebond”, além de nos depararmos com problemas clássicos da filosofia, como a crítica à teoria do conhecimento, deparamo-nos também com o problema da moral, de que o autor se ocupa de uma maneira muito particular. Não apresentaremos neste capítulo uma abordagem detalhada e detida do tema da moral na “Apologie”. Isto exigiria uma investigação aprofundada e de maior amplitude, uma vez que o autor desenvolve neste texto muitos aspectos importantes deste tema.

Limitar-nos-emos a procurar perceber por que razão o autor “decreta” a impossibilidade de fundamentar na razão humana um conjunto de normas ou leis que dizem respeito à vida prática de qualquer grupo humano. Perseguindo este objectivo, procuraremos reconstruir os vários argumentos do ensaio que justificam a sua tomada de posição no âmbito da moral<sup>160</sup>.

Para contextualizar um pouco a questão da moral nos *Essais* é importante observar que no período do humanismo renascentista se fazia sentir a necessidade de emitir juízos que fossem coerentes: de se informar dos costumes dos homens, tanto dos antigos como dos povos que habitavam terras longínquas. Todos queriam rever a sua ideia de homem. Tratava-se de uma busca aberta e muitos ofereciam a sua contribuição, como afirma Villey<sup>161</sup>. Tampouco Montaigne se demitiu desta tarefa. Envolveu-se com empenho na tarefa de perceber o que é o homem. Para isto, misturou muitas histórias antigas e contemporâneas com inúmeras reflexões de viajantes, que vinham de terras distantes, sobretudo daquelas que foram invadidas e ocupadas por europeus; nelas encontra uma confirmação da tese segundo a qual a multiplicidade irreconciliável e a diversidade mais ampla são a única marca do ser. As teses cépticas de Montaigne revelam-se de uma maneira particularmente radical no campo da moral; neste âmbito adquirirá uma importância capital a diversidade dos costumes, como argumento contra a moral “racional”.

---

<sup>160</sup> Segundo Villey, Montaigne toma consciência do relativismo relativo ao conhecimento não apenas nas noções de metafísica, mas também nas noções de moral. Neste ponto terá uma influência muito importante sobretudo a sua leitura de Sexto Empírico. Nesta perspectiva, Montaigne pode ser visto como um moralista. O mesmo autor afirma que é principalmente nas ideias morais que podemos perceber nitidamente o relativismo montaigneano (cf. Villey: *op. cit.*, pp.188-189)

<sup>161</sup> Cf. Villey: *op. cit.*, p.189.

Na “Apologie”, Montaigne detém-se a considerar que todas as sociedades têm necessidade das leis. Ele tem perfeita consciência de que sem leis nenhuma sociedade poderá ter vida longa. A obediência às leis<sup>162</sup> é uma condição *sine qua non* para a sobrevivência de qualquer grupo social. Montaigne não leva a ingenuidade ao ponto de negar pura e simplesmente a necessidade das leis e normas. Neste sentido, pensa como Epicuro, isto é, considera que mesmo as piores leis nos são tão necessárias que, sem elas, os homens se devorariam uns aos outros<sup>163</sup>. No mesmo parágrafo Montaigne observa que também Platão, distanciando-se pouco desta tese, sustenta que sem leis viveríamos como animais selvagens e se empenha em prová-lo:

*“[A] Nostre esprit est un util vagabond, dangereux et temeraire; il est malaisé d'y joindre l'ordre et la mesure. Et, de mon temps, ceux qui ont quelque rare excellence au dessus des autres, et quelque vivacité extraordinaire, nous les voyons quasi tous desbordez en licence d'opinions, et de meurs. C'est miracle s'il s'en rencontre un rassis et sociable. On a raison de donner à l'esprit humain les barrières les plus contraintes qu'on peut. En l'estude, comme au reste, il luy faut compter et régler ses marches; il luy faut tailler par art les limites de sa chasse”*<sup>164</sup>.

Ao citar Epicuro e Platão, o autor da “Apologie” manifesta a sua decepção relativamente ao homem de sua época. Certamente, estes pensadores trazem-lhe à memória a situação concreta em que estava mergulhada a sociedade francesa naquela época. Lendo de uma forma atenta a sua obra, é fácil comprovar que Montaigne era consciente de tudo o que se passava no seu país: guerras, conflitos religiosos profundos e actos de violência deles derivados.

Laschamp, ao descrever algumas características do contexto no qual Montaigne elabora a sua obra, afirma:

---

<sup>162</sup> Há uma quantidade significativa de afirmações nos *Essais* acerca da necessidade do cumprimento da lei, independentemente de esta ser ou não justa. Vejamos algumas: “[C] Il n'est rien si lourdement et largement fautier que les loix, ny si ordinairement. [B] Quiconque leur obeyt pas justement par où il doit [...] [B] Or les loix se maintiennent en credit, non par ce qu'elles sont justes, mais par ce qu'elles sont loix. C'est le fondement mystique de leur autorité, elles n'en ont point d'autre” (*Les Essais*: III, 13, p. 1072). Montaigne chega até a afirmar que “[A] ce bon et grand Socrates refusa de sauver sa vie par la desobeissance du magistrat, voire d'un magistrat tres-injuste et tres-inique. Car c'est la regle des regles, et generale loy des loix, que chacun observe celles du lieu où il est [...]” (*Les Essais*: I, 23, p. 118). “[A] J'en diray seulement encore cela, que c'est la seule humilité et submission qui peut effectuer un homme de bien. Il ne faut pas laisser au jugement de chacun la cognoissance de son devoir; il le luy faut prescrire, non pas le laisser choisir à son discours: autrement, selon l'imbecillité et variété infinie de nos raisons et opinions, nous nous forgerions en fin des devoirs qui nous mettroient à nous manger les uns les autres, comme dit Epicurus” (*Essais*: II, 12, p. 488).

<sup>163</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 558.

<sup>164</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 559.

*“Les violences entre les dissidents égalaient celles dont ils étaient l’objet de la part de leurs adversaires. Jamais l’abus du raisonnement n’avait été poussé plus loin; jamais il n’avait déchâné tant de colères; jamais il n’avait fait couler tant de larmes et tant de sang”*<sup>165</sup>.

Assim se compreende melhor por que razão Montaigne afirma que, na sua época, os que têm alguma rara excelência acima dos outros e uma vivacidade extraordinária os excedem em desregramento de ideias e de costumes e praticam acções que impedem a felicidade dos homens.

Montaigne, na qualidade de *libre penseur*, não poderia deixar de defender a liberdade de pensamento. Mas, ao mesmo tempo, sabe também que, se esta liberdade estiver sujeita à vaidade da razão, muitas atitudes humanas, inclusive religiosas, como vimos anteriormente, poderão tornar-se nocivas para o homem. Ao descrever algumas das características da liberdade de que davam prova os antigos na filosofia e ao fazer um paralelo com a sociedade de sua época, afirma:

*“[A] La liberté donq et gaillardise de ces esprits anciens produisoit en la philosophie et sciences humaines plusieurs sectes d’opinions différentes, chacun entreprenant de juger et de choisir pour prendre party. Mais à present [C] que les hommes vont tous un train, [...] et [A] que nous recevons les arts par civile autorité et ordonnance, [C] si que les escholes n’ont qu’un patron et pareille institution et discipline circonscrite, on ne regarde plus ce que les monnoyes poient et valent, mais chacun à son tour les reçoit selon le pris que l’approbation commune et le cours leur donne. On ne plaide pas de l’alloy, mais de l’usage: ainsi se mettent également toutes choses. On reçoit la médecine comme la Geometrie; et les batelages, les enchantemens, les liaisons, le commerce des esprits des trespassez, les prognostications, les domifications et jusques à cette ridicule poursuite de la pierre philosophale, tout se met sans contredict”*<sup>166</sup>.

Montaigne escreve a sua obra mergulhado num clima onde reinava uma “*anarchie dans les idées et dans les faits*”<sup>167</sup> e coloca-se na atitude de, ajudado pelos costumes antigos, julgar o seu tempo. Segundo Villey, é exactamente neste contexto muito conturbado que Montaigne entra em contacto com o livro de Sexto Empírico:

*“Voilà où l’influence du milieu et sa propre docilité aux faits l’ont conduit. Presque toujours c’est la loi politique et morale à laquelle il est naturellement assujetti que l’esprit érige en loi absolue. Montaigne a affranchi sa raison de cette contrainte naturelle, il sait critiquer la loi*

---

<sup>165</sup> Laschamp: *op. cit.*, p. 104.

<sup>166</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 559-560.

<sup>167</sup> Laschamp: *op. cit.*, p. 94.

*que son milieu lui impose; c'est un pas d'une extrême importance qu'il a fait là vers l'idée de relativité*"<sup>168</sup>.

Montaigne descreve alguns aspectos que comprovam o seu relativismo face aos costumes de vários povos, sobretudo quando os relaciona com os de França. Com isto o autor quer sugerir possivelmente que as crenças, os juízos e as opiniões dos homens estão sujeitos às inconstâncias perenes que há na vida concreta:

*"[A] si le ciel les agite, et les roule à sa poste, qu'elle magistrale autorité et permanente leur allons nous attribuant ?[...]; [B] en maniere que, ainsi que les fruits naissent divers et les animaux, les hommes naissent aussi plus et moins belliqueux, justes, temperans et dociles: icy subjects au vin, ailleurs au larecin ou à la paillardise; icy enclins à superstition, ailleurs à la mescreance; [C] icy à la liberté, icy à la servitude [...]; [B] que deviennent toutes ces belles prerogatives dequoy nous nous allons flatants? Puis qu'un homme sage se peut mesconter, et cent hommes, et plusieurs nations, voire et l'humaine nature selon nous se mesconte plusieurs siecles en cecy ou en cela, quelle seureté avons nous que par fois elle cesse de se mesconter, [C] et qu'en ce siecle elle ne soit en mescomte? [A] Il me semble, entre autres tesmoignages de nostre imbecillité, que celui-cy ne merite pas d'estre oublié, que par desir mesmes, l'homme ne sçache trouver ce qu'il luy faut; que, non par jouyssance, mais par imagination et par souhait, nous ne puissions estre d'accord de ce dequoy nous avons besoin pour nous contenter. Laissons à nostre pensée tailler et coudre à son plaisir, elle ne pourra pas seulement desirer ce qui luy est propre, [C] et se satisfaire [...]"*<sup>169</sup>.

Segundo Montaigne, a verdade de uma teoria moral – como a de qualquer outro conhecimento – só pode ser afirmada relativamente ao sujeito que está implicado nesta tarefa. O homem que reflecte sobre a moral reflecte sobre si próprio e não sobre a humanidade em geral. Desta perspectiva, podemos perceber por que razão Montaigne afirma que é ele próprio a matéria de seu livro<sup>170</sup>. É o próprio Montaigne que nos toca ainda mais de perto do que o homem em geral.

Montaigne observa que não há entre os filósofos combate tão violento e tão rude como o que se trava acerca da questão do soberano bem do homem:

*"[A] Il n'est point de combat si violent entre les philosophes, et si aspre, que celui qui se dresse sur la question du souverain bien de l'homme"*<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup> Villey: *op. cit.*, p. 193.

<sup>169</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 575-576.

<sup>170</sup> Cf. nota 143

<sup>171</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 577.

Trata-se de uma questão muito sensível para Montaigne. Em se entender, é inútil acrescentar mais uma seita às 288 que nasceram, segundo o cálculo de Varron, acerca da questão do soberano bem<sup>172</sup>.

Montaigne inicia a “Apologie” afirmando que alguns filósofos pensavam que o soberano bem estava na ciência<sup>173</sup>.

Mas não acreditava que fosse através da ciência<sup>174</sup> (moral e filosófica) que o homem conseguiria ser mais sábio e mais feliz. O autor não se preocupa em fornecer exactamente o “endereço” do bem soberano. Vejamos como apresenta algumas indicações relativas às várias tentativas dos filósofos para encontrarem o bem soberano, esse bem que varia conforme o indivíduo:

*“[A] Nature devroit ainsi répondre à leurs contestations et à leurs débats. Les uns disent nostre bien estre loger en la vertu, d'autres en la volupté, d'autres au consentir à nature; qui, en la science; [C] qui, à n'avoir point de douleur; [A] qui, à ne se laisser emporter aux apparences (et à cette fantasie semble retirer cet'autre, [B] de l'antien Pythagoras [...], [A] qui est la fin de la secte Pyrrhonienne)”<sup>175</sup>.*

Fiel aos argumentos do pirronismo, Montaigne sustenta que o soberano bem é a *ataraxia*. Segundo ele, a sabedoria indica-nos que é necessário procurar manter na alma um harmonioso equilíbrio. A *ataraxia* foi sempre considerada pelos seguidores do pirronismo como a *coroação* da sua filosofia, segundo André Verdan<sup>176</sup>. Vejamos textualmente o que diz Sexto acerca da *ataraxia* como objectivo de sua doutrina céptica filosófica:

*“Il est propos de dire ici quelque chose de la fin de la Sceptique. La fin en général, est ce pour quoi on fait, ou on considère toutes Choses: c'est ce que l'on ne recherche point pour quelque autre Chose: c'est ce qui est la dernière Chose que l'on recherche. Nous disons donc maintenant, que la fin du Philosophe Sceptique est l'Ataraxie, ou l'exemption de trouble à l'égard des opinions [...]; & alors l'Ataraxie, ou l'exemption de trouble, fut une suite heureuse, quoique fortuite, de cette suspension de son jugement à l'égard des opinions [...]; celui qui opine Dogmatiquement, & qui établit qu'il y a naturellement & réellement quelque bien & quelque mal, est toujours troublé”<sup>177</sup>.*

---

<sup>172</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 577.

<sup>173</sup> Cf. nota 96.

<sup>174</sup> “La philosophie morale est visée comme les autres sciences, plus directement même que les autres sciences” (Villey: *op. cit.*, p.219).

<sup>175</sup> *Les Essais*: II, 12, p.578.

<sup>176</sup> Cf. Verdan, André. *Le scepticisme philosophique*. Paris-Montréal: Bordas, 1971: p. 57

<sup>177</sup> Sextus Empiricus. *Les Hipotiposes ou Institutions Pirroniennes*. Traduzido do grego por Claude Huart. Amsterdam: Barbier, MDCCXXV: pp.15-16.



Segundo Montaigne, a filosofia não pode oferecer uma base consistente à moral, que sirva como garantia da felicidade humana. O homem é convidado a procurar alicerces mais seguros e consistentes fora da filosofia.

*“[C] Il ne nous faut guiere non plus d'offices, de regles, et de loix de vivre, en nostre communauté, qu'il en faut aux grues et formis en la leur. Et neantmoins nous voyons qu'elles s'y conduisent tres-ordonnément sans erudition. Si l'homme estoit sage, il prenderoit le vray pris de chasque chose selon qu'elle seroit la plus utile et propre à sa vie”<sup>178</sup>.*

Assim, o homem está impedido, por uma incapacidade que tem a sua origem sobretudo na razão, de determinar tudo aquilo que pode, em termos morais, servir-lhe para a construção de uma vida tranquila. O homem não sabe encontrar o que lhe é necessário. O desacordo nestes assuntos é inerente à própria natureza do homem, tal como foi descrita pelo autor da “Apologie”.

Trata-se de um desacordo com consequências preocupantes, já que se é de nós que depende a organização dos nossos costumes, metemo-nos numa enorme confusão<sup>179</sup>. Aludindo ao parecer de Sócrates, Montaigne defende que a razão aconselha cada um a obedecer a lei de seu país<sup>180</sup>.

Entretanto, Montaigne questiona-se: será que “[A] nostre devoir n’a autre regle que fortuite?”<sup>181</sup> A resposta reflecte, mais uma vez, o relativismo do autor, que afirma que a verdade deve ter uma face universal e uniforme, mas que reconhece, ao mesmo tempo, que de facto o homem, impedido pela razão e pelos sentidos (considerados pela filosofia tradicional como fonte do conhecimento da verdade), não tem condições de encontrar uma base moral no discurso racional:

*“[A] La droiture et la justice, si l'homme en connoissoit qui eust corps et veritable essence, il ne l'attacheroit pas à la condition des coustumes de cette contrée ou de celle là; ce ne seroit pas de la fantasie des Perses ou des Indes que la vertu prendroit sa forme. Il n'est rien subject à plus continuelle agitation que les loix. Depuis que je suis nay, j'ay veu trois et quatre fois rechanger celles des Anglois, noz voisins, non seulement en subject politique, qui est celuy qu'on veut dispenser de constance, mais au plus important subject qui puisse estre, à sçavoir de la religion. Dequoy j'ay honte et despit, d'autant plus que c'est une nation à laquelle ceux de mon quartier ont eu autrefois une si privée accointance qu'il*

---

<sup>178</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 487.

<sup>179</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 578.

<sup>180</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 478.

<sup>181</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 578.

*reste encore en ma maison aucunes traces de nostre ancien cousinage*”<sup>182</sup>.

Reflectindo acerca da situação concreta que o rodeava, isto é, a guerra, as injustiças e outros males (causados pelo próprio homem) que caracterizavam a França de então, Montaigne tem consciência de que seguir as leis do país<sup>183</sup>, que são produzidas pela razão humana, é algo bastante problemático.

Como moralista, Montaigne não deseja fazer a apologia de uma “anarquia” em termos morais; muito pelo contrário, como vimos, defende a importância da lei na vida quotidiana. O que ele pretende defender é que todo o sistema que resulta de um emaranhado de reflexões intelectuais não leva a nada, pelo facto de que tudo o que a razão produz está sujeito à incerteza, tanto a verdade como a falsidade.

Ao criticar todo este processo, Montaigne quer ressaltar a ideia de que a razão é um estorvo importante para a dinâmica de construção da justiça e das leis morais.

Esta tese poderia levar a pensar que Montaigne é um pensador que não acredita na verdade. Mas, ao ler a sua obra, damos-nos conta que é um autor apaixonado pela verdade. Ele nunca afirmou que a verdade estava fora de alcance. Ele quer encontrar a verdade. A sua própria atitude filosófica pode ser caracterizada como uma perene busca da verdade. O que lhe é peculiar nesta busca é o facto de questionar profundamente tudo aquilo que é construído arbitrariamente pela filosofia dogmática, sobretudo as grandes elaborações teóricas e os complicados códigos legais, que em geral não respeitam as contingências da vida.

Esta razão é, por conseguinte, a grande responsável pela contínua agitação das leis. Neste sentido, o ceticismo de Montaigne no domínio da moral está em profunda sintonia com todo o projecto da “Apologie”. Assim como não aceita as certezas teóricas dos filósofos e pensadores profissionais em matéria de metafísica e em tantos outros assuntos, tradicionalmente caros à filosofia, rejeita também com toda a determinação a produção filosófica que é apresentada como ciência moral. Montaigne não se cansa de questionar o papel daqueles pensadores que, em nome da filosofia, se encarregam de teorizar sobre as leis morais e a justiça. Podemos dizer que o autor classifica esta actividade como algo dispensável à vida. Neste contexto, o autor ressalta o problema da contingência e da sua relação com a lei:

---

<sup>182</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 579.

<sup>183</sup> “[B] Car nous avons en France plus de loix que tout le reste du monde ensemble [...]. [C] Il y a peu de relation nos actions, qui sont en perpetuelle mutation, avec les loix fixes et immobile. Les plus desirables, ce sont les plus rares, plus simples et generales” (*Les Essais*: III, 13, p. 1066).

*“[A] Que nous dira donc en ceste necessité la philosophie? Que nous suyons les loix de nostre pays? C'est à dire cette mer flotante des opinions d'un peuple ou d'un Prince, qui me peindront la justice d'autant de couleurs et la reformeront en autant de visages qu'il y aura en eux de changemens de passion? Je ne puis pas avoir le jugement si flexible”<sup>184</sup>.*

Algumas doutrinas filosóficas impelem-nos ao cumprimento das leis do país. Mas, como é isto possível, se estas leis são condicionadas pelas paixões de quem as fez? Em seguida, Montaigne refere-se à relatividade das leis civis:

*“[A] Quelle bonté est-ce que je voyois hyer en credit, et demain plus, [C]et que le trajet d'une riviere fait crime? Quelle verité que ces montaignes bornent, qui est mensonge au monde qui se tient au delà?”<sup>185</sup>*

Diante deste quadro podemos perguntar-nos: será possível ter uma moral que garanta a justiça para todos, fazendo uso da razão e utilizando as leis humanas, que são sempre condicionadas pelas paixões, as quais, por sua vez, estão sujeitas a de tantas mudanças? A resposta de Montaigne é negativa e é dada de forma irônica:

*“[A] Mais ils sont plaisans quand, pour donner quelque certitude aux loix, ils disent qu'il y en a aucunes fermes, perpetuelles et immuables, qu'ils nomment naturelles, qui sont empreintes en l'humain genre par la condition de leur propre essence. Et, de celles là, qui en fait le nombre de trois, qui de quatre, qui plus, qui moins: signe que c'est une marque aussi douteuse que le reste”<sup>186</sup>.*

Além de constatar a relatividade das leis civis, Montaigne não deixa de afirmar que há também uma nítida relatividade nas leis naturais:

*“[A] ils sont, dis-je, si miserables que de ces trois ou quatre loix choisies il n'en y a une seule qui ne soit contredite et desadvoëe, non par une nation, mais par plusieurs”<sup>187</sup>.*

Outra tese da “Apologie” que merece ser lembrada é que a razão humana – intrometendo-se em toda a parte para dominar, baralhar e confundir a face das coisas, segundo sua vaidade e inconstância – quer que acreditemos que há leis naturais como as que se observam nas outras criaturas. Mas isto não passa de um equívoco: em nós as leis naturais estão perdidas.

Montaigne não mede as palavras quando o que está em jogo é, em seu entender, alguma coisa de capital importância. A falta de honestidade e a falsidade são atributos dos pensadores e elaboradores de leis na sociedade. Neste contexto, criticará violentamente a posição de Platão, por exemplo. Observa que, quando este pensador

---

<sup>184</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 579.

<sup>185</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 579.

<sup>186</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 580.

<sup>187</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 580.

grego se torna legislador, adota um estilo imperioso e afirmativo, e mistura-lhe ousadamente as mais fantasiosas invenções, tão úteis para persuadir o povo como ridículas para se persuadir a si mesmo. Conclui a sua crítica a Platão da seguinte forma:

*“[C] Et pourtant, en ses loix, il a grand soing qu'on ne chante en public que des poësies desquelles les fabuleuses feintes tendent à quelque utile fin; et, estant si facile d'imprimer tous fantosmes en l'esprit humain, que c'est injustice de ne le paistre plustost de mensonges profitables que de mensonges ou inutiles ou dommageables. Il dict tout destroussement en sa Republique que, pour le profit des hommes, il est souvent besoin de les piper<sup>188</sup>”*.

Na “Apologie”, Montaigne manifesta em várias ocasiões o seu descontentamento relativamente às teses dos filósofos gregos.

Considerando as reflexões precedentes acerca da moral, tudo leva a crer que Montaigne considera que as leis verdadeiras relativas à moral devem ter um carácter universal e não particular.

Montaigne apresenta uma lista de costumes diversificados de povos muito diferentes que têm as suas tradições próprias, e que são muitas vezes contraditórias entre si. Isto servir-lhe-á para justificar a tese de que não há coisa em que o mundo seja tão diverso como os costumes e leis:

*“[A] Telle chose est icy abominable, qui apporte recommandation ailleurs, comme en Lacedemone la subtilité de desrober. Les mariages entre les proches sont capitalement defendus entre nous, ils sont ailleurs en honneur [...]”*.

*“[A] Le meurtre des enfans, meurtre des peres, communication de femmes, traficque de voleries, licence à toutes sortes de voluptez, il n'est rien en somme si extreme qui ne se trouve receu par l'usage de quelque nation”<sup>189</sup>*.

*“[A] Les sujets ont divers lustres et diverses considerations: c'est de là que s'engendre principalement la diversité d'opinions. Une nation regarde un subject par un visage, et s'arreste à celuy là; l'autre, par un autre.*

*Il n'est rien si horrible à imaginer que de manger son pere. Les peuples qui avoyent anciennement ceste coustume, la prenoient toutesfois pour tesmoignage de pieté et de bonne affection [...]”*.

*“[A] Licurgus considera au larrecin, la vivacité, diligence, hardiesse et adresse qu'il y a à surprendre quelque chose de son voisin [...]”*.

*“[A] Dionysius le tyran offrit à Platon une robe à la mode de Perse, longue, damasquinée, et parfumée; Platon la refusa, disant qu'estant nay homme, il ne*

---

<sup>188</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 512.

<sup>189</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 580.

*se vestiroit pas volontiers de robe de femme; mais Aristippus l'accepta, avec ceste responce que nul accoustrement ne pouvoit corrompre un chaste courage*"<sup>190</sup>.

*"[A] Nous portons les oreilles percées; les Grecs tenoient cela pour une marque de servitude. Nous nous cachons pour jouir de nos femmes, les Indiens le font en public. Les Scythes immoloyent les estrangers en leurs temples, ailleurs les temples servent de franchise*"<sup>191</sup>.

Para Montaigne, as razões sobre as quais cada povo funda a sua moral são uma resposta a situações contingentes, e não visam dar resposta a situações mais universais, válidas para todos os homens sem excepção. Villey chega a afirmar que Montaigne *"cherche une justice, et il trouve des justices, et des justices contradictoires"*<sup>192</sup>.

Além de constatar a ausência de um acordo entre as várias concepções no que diz respeito aos costumes de cada povo, Montaigne - fiel à crítica aos sistemas filosóficos que perpassa toda a "Apologie" - destaca também o facto de que não há sequer acordo entre os filósofos, que se ocupam particularmente em reflectir acerca de dois temas muito caros à filosofia:

*"[A] Quant à la liberté des opinions philosophiques touchant le vice et la vertu, c'est chose où il n'est besoing de s'estendre, et où il se trouve plusieurs avis qui valent mieux teus que publiez [C]aux faibles esprits*"<sup>193</sup>.

Segundo Montaigne, os próprios homens do saber adoptam atitudes consideradas inaceitáveis pelo facto de a sociedade as condenar. Os exemplos ilustram esta situação de uma forma muito nítida e revelam quanto a razão humana pode fazer para encontrar explicações legitimadoras para todas as realidades relativas aos costumes morais:

*"[A] De là disent aucuns, que d'oster les bordels publiques, c'est non seulement espandre par tout la paillardise, qui estoit assignée à ce lieu là, mais encore esguillonner les hommes à ce vice, par la malaisance [...]. On demanda à un philosophe, qu'on surprit à mesme, ce qu'il faisoit. Il respondit tout froidement: Je plante un homme [...]"*<sup>194</sup>.

*"[C] Car Diogenes, exerçant en publiq sa masturbation, faisoit souhait en presence du peuple assistant, qu'il peut ainsi saouler son ventre en le frottant [...]. Ces philosophes icy donnoient extreme prix à la vertu et refusoient toutes autres disciplines que la morale"*<sup>195</sup>

---

<sup>190</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 581.

<sup>191</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 582.

<sup>192</sup> Villey: *op. cit.*, p. 197.

<sup>193</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 582.

<sup>194</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 584.

<sup>195</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 585.

A relatividade das leis e costumes e a impossibilidade de se chegar a acordo entre os povos tendo em vista estabelecer leis universais, leva Montaigne a uma espécie de denúncia da prática dos encarregados pela execução das leis, que já por si são tão questionáveis. Isto torna a lei, supostamente universal, ainda mais sujeita à rejeição, segundo Montaigne. Vale a pena recordar aqui o exemplo de que Montaigne ouviu falar, de um juiz que, quando deparava com um sério conflito entre Bartoldo e Baldo<sup>196</sup>, ou com alguma matéria agitada por muitas contradições, escrevia na margem de seu livro: “Questão para o amigo”. Montaigne observa que, neste caso, a verdade era tão confusa e debatida que o juiz em causa poderia favorecer a parte que bem entendesse, e conclui:

*“[A] Les advocats et les juges de nostre temps trouvent à toutes causes assez de biais pour les accommoder où bon leur semble. A une science si infinie, dépendant de l'autorité de tant d'opinions et d'un subject si arbitraire, il ne peut estre qu'il n'en naisse une confusion extreme de jugemens. Aussi n'est-il guiere si cler procès auquel les advis ne se trouvent divers. Ce qu'une compaignie a jugé, l'autre le juge au contraire, et elle mesmes au contraire une autre fois. Dequoy nous voyons des exemples ordinaires par ceste licence, qui tasche merveilleusement la cerimonieuse autorité et lustre de nostre justice, de ne s'arrester aux arrests, et courir des uns aux autres juges pour decider d'une mesme cause”*<sup>197</sup>.

É interessante destacar este exemplo também porque Montaigne tinha conhecimentos profundos da ciência do direito, conforme reconhece a maioria dos comentadores da sua obra. Como *magistrat*, tinha conhecimento de causas nas quais se manifestava aquilo contra o qual se opunha. Isto vem confirmar ainda mais a posição de Montaigne face à sua incansável busca de leis universais, que não estivessem sujeitas às constantes mutações de que a razão humana, “[B] un pot à deux anses, qu'on peut saisir à gauche et à droite”, é responsável e que [A] *fornit d'apparence à divers effects*”<sup>198</sup>.

Ao abordar a problemática da moral na “Apologie”, Montaigne chega a algumas conclusões que não se distanciam fundamentalmente de todo o projecto do ensaio. Isto é, defende que há um relativismo significativamente claro relativamente à moral. Villey faz algumas afirmações que resumem claramente esta problemática: “*Il n'y a pas de souverain bien, il n'y a pas de loi naturelle, toute obligation morale est fortuite,*

---

<sup>196</sup> Trata-se de dois juristas do século XIV, que no século XV ainda tinham grande influência.

<sup>197</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 582.

<sup>198</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 581.

*contingente*”<sup>199</sup>. E tudo isto deve-se à crítica destruidora da razão humana que Montaigne apresenta no texto. Para ele, a razão quer julgar tudo, quer elaborar leis universais, sem mesmo ter condições para semelhante empreendimento. A razão, como vimos, é multiforme, inconstante, infinita. Ela avança sempre, mesmo torta, mesmo manca, mesmo desancada, tanto com a mentira como com a verdade. A razão é um instrumento de chumbo e de cera, alongável, dobrável e adaptável a todas as perspectivas e a todas as medidas<sup>200</sup>. Segundo Montaigne, a razão é: “[B] *un miserable fondement de nos regles et qui nous represente volontiers une tres-fauche image des choses comme vainement nous concluons aujourd’hui l’inclination et la decrepitude du monde par les arguments que nous tirons de nostre propre foiblesse et decadence*”<sup>201</sup>.

Em suma, Montaigne tem consciência de que é impossível chegar a qualquer determinação no domínio da moral através da razão. Por isto, assume uma atitude céptica em face desta questão.

---

<sup>199</sup> Villey: *op. cit.*, p.198.

<sup>200</sup> Cf. nota 122.

<sup>201</sup> *Les Essais*: III, 6, p. 908.

## Considerações finais

---

A leitura da “Apologie de Raymond Sebond” permitiu-nos esclarecer aspectos importantes da crítica demolidora da razão humana levada a cabo por Montaigne.

É claro que uma motivação importante que levou Montaigne a escrever a “Apologie” foi a obra do teólogo catalão Sebond *Theologia Naturalis*. É importante destacar que o próprio título do ensaio, “Apologie...”, isto é, elogio, defesa, não reflecte exactamente o seu propósito, que é a defesa de Sebond. A análise do texto permite captar algo de paradoxal. Montaigne dispõe-se a defender este teólogo catalão, num ensaio, no qual ele próprio se distancia claramente da doutrina de Sebond. Neste sentido, há um, significativo distanciamento entre o título do ensaio e o seu conteúdo. O ponto de partida de Montaigne é uma espécie de declaração de que as ideias de Sebond são convincentes, mas imediatamente a seguir muda de opinião, partindo de sua concepção negativa do homem e não acredita nos supostos poderes da razão. Dito de outro modo, Montaigne não sustentava o propósito da *Theologia naturalis*, isto é, a pretensão de apoiar a crença dos leitores convidando-os a fazer um esforço de adaptação dos instrumentos naturais e humanos, considerados como dons de Deus, especialmente a razão, pondo-os ao serviço da fé.

Montaigne “aplaude” a atitude de Sebond<sup>202</sup>. Mas imediatamente a seguir critica o teólogo catalão, atacando os vários argumentos filosóficos presentes na sua obra. Na raiz da sua crítica está o facto de estes argumentos se fundamentarem numa visão antropocêntrica da supremacia do homem como criatura privilegiada da criação: o homem, por ser detentor da razão, diferentemente dos outros animais, tem uma finalidade, uma perfeição e uma dignidade que merece ser exaltada. Montaigne não aceita esta visão que norteia tanto a obra de Sebond, como o pensamento de todos aqueles que faziam apologia da *dignitas hominis*. Denuncia a presunção ilusória do homem. Desta perspectiva, utiliza vários relatos anedóticos de animais para justificar a sua posição. E a conclusão principal a que o conduz este percurso é que o homem não está nem acima, nem abaixo do resto dos seres naturais<sup>203</sup>. Dito de outro modo, a consideração de que unicamente o homem é possuidor da razão, não tem qualquer relevância, segundo a “Apologie”.

---

<sup>202</sup> Cf. nota 1.

<sup>203</sup> Cf. nota 31.



Da batalha travada por Montaigne contra os vários opositores da obra de Sebond, podemos destacar a posição crítica que ele assume face aos presunçosos racionalistas, que diziam que os argumentos de Sebond eram fracos. Diante destes doutos, Montaigne irá sustentar a tese de que o homem não sabe nada. Há que salientar, no entanto, que o teólogo catalão estava em “comunhão” com o pensamento apologético de sua época, isto é, recorreu à razão para provar certos dogmas. Para Montaigne, o principal perigo vem daqueles que atribuem super poderes à razão. É por isso, também, que Montaigne sustenta que a razão deve submeter-se à autoridade divina. Esta submissão não exclui a razão, mas considera-a como um meio de compreender o motivo da fé. Esta fé deve ser concebida como uma expectativa da graça, sem a qual nada é possível ao homem. Segundo Montaigne, não somos capazes de perceber que toda a certeza está vedada ao homem reduzido a si próprio<sup>204</sup>.

Podemos perceber que a utilização da razão para explicar as realidades da religião não tem sentido na “Apologie”. Montaigne não tem necessidade de fazer apologia da fé<sup>205</sup>. A sua perspectiva é unicamente humana e isto vai estruturar toda a sua reflexão na “Apologie”. Quando se refere à graça como dom sobrenatural, nem o absoluto, nem a graça actuam no interior de sua visão antropológica. A graça é apresentada por Montaigne como uma metamorfose:

*“[C] C’est à nostre foy Chrestienne, non à sa vertu Stoique, de pretendre à cette divine et miraculeuse metamorphose”<sup>206</sup>.*

Montaigne descobre em si próprio o pirronismo através da *volubilité*<sup>207</sup> presente nas várias atitudes dos filósofos. Pôs em dúvida as diversas opiniões dos filósofos, denunciando-as como contraditórias; criticou as doutrinas filosóficas dogmáticas; mas não assumiu nenhuma doutrina definida. Montaigne assume o pirronismo como método, e não como um adepto cego, para enfrentar os problemas presentes na “Apologie”.

O pirronismo é assumido por Montaigne como modo de pensamento e como método de vida. Este pirronismo permite-lhe ter em conta na “Apologie” a incerteza de

---

<sup>204</sup> Cf. Nota 93.

<sup>205</sup> O autor esclarece esta questão da seguinte maneira na edição posterior a 1588: “[C] Je propose les fantasies humaines et miennes, simplement comme humaines fantasies [...]: matiere d'opinion, non matiere de foy; ce que je discours selon moy, non ce que je croy selon Dieu, comme les enfants proposent leurs essais: intruisables, non instruisants; d'une maniere laïque, non clericale, mais tres-religieuse tousjours” (*Les Essais*: I, 56, p. 323).

<sup>206</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 604.

<sup>207</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 569.

nossos juízos, a incerteza que todos sentem em si<sup>208</sup> em relação ao conhecimento. O pirronismo faz desaparecer as ilusões da certeza e, como ele, não se envolve nas questões da “*irresolution infinie*”<sup>209</sup>, procura uma segurança na tranquilidade do espírito que, com a do corpo, constitui o soberano bem<sup>210</sup>. Ao assumir a atitude pirrónica, Montaigne não se transforma num homem passivo, num “peso morto”. Muito pelo contrário, sustenta que devemos sempre levantar questões, reconhecer a nossa ignorância face às várias resoluções tomadas como certas pela presunçosa razão humana, duvidar sempre e ter uma atitude de busca incessante de novas ideias.

Isto significa que Montaigne defende a tese de que somos convidados a considerar que os conhecimentos adquiridos devem ser sempre sustentados como provisórios e não como verdades absolutas. Isto não exclui, evidentemente, o facto de que podemos apresentar as nossas visões prismáticas das coisas e até sustentá-las, se assim for necessário.

Na “Apologie”, Montaigne assume uma atitude pirrónica *sui generis*. Demonstra constantemente uma reacção contra os dogmatismos. Ele é um pensador que está sempre em busca. Nunca cessa de investigar. Está sempre em debate consigo mesmo. Neste aspecto, pode-se dizer que assume uma atitude diferente do pirronismo grego, o qual defendia a tese da impossibilidade de qualquer juízo. Não está preocupado em encontrar um “rótulo de marca registada” para suas reflexões filosóficas. Ou seja, não tinha como objectivo elaborar uma apologia de uma doutrina a ser seguida por adeptos.

Montaigne apresenta os seus juízos com a sua razão crítica, sem ter necessariamente que defender a tese de que a razão humana – instrumento flexível, recurvável e adaptável a qualquer forma<sup>211</sup> – é sempre o guia prudente e seguro de uma conduta correcta e perfeita. Montaigne procura demonstrar racionalmente – e aqui reside, em seu entender, o uso positivo da razão – que não há essência nem verdade absoluta acerca do homem e que de algumas coisas, sempre à mercê do poder do tempo, nós só observamos as aparências:

“[A] Finalment, il n’y a aucune constante existence, ny de nostre estre, ny de celuy des objects [...]. Nous n’avons aucune communication à l’estre [...]”<sup>212</sup>.

---

<sup>208</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 563.

<sup>209</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 561.

<sup>210</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 488.

<sup>211</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 539.

<sup>212</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 601.

Montaigne duvida de todos os conhecimentos humanos recebidos por autoridade e em confiança (*à credit*), como se fossem religião e lei<sup>213</sup>; tais conhecimentos não passam de falsas evidências do quotidiano. E isto vale sobretudo para todos os tipos de produção racional que são consequência da vaidade humana.

Montaigne esforça-se por investigar as opiniões dos outros e isto motiva-o a formular um pensamento mais pessoal, preocupado com o que é justo, e a expandir o seu próprio conhecimento relativo e precário. As suas investigações não são dogmáticas e só o comprometem a ele próprio. É um pensador que está sempre em busca, que não tem a presunção de querer saber tudo sobre todas as coisas. Mas, ao mesmo tempo, podemos dizer que é um pensador que descobriu, num mundo marcado por tantas conturbações, graças às suas próprias experiências, uma consciência real e sólida da sua existência concreta no mundo. Este facto levou-o a assumir a atitude de não querer ensinar nem dirigir a vida de ninguém. Vale a pena citar, a este respeito, um pequeno trecho de um outro ensaio, que Montaigne escreveu provavelmente na mesma época da “Apologie”, e que reflecte claramente a posição por ele assumida e que pode ser classificada não como a de um filósofo profissional, detentor de verdades que devem ser ensinadas aos outros, mas como a de alguém que está sempre em busca e não se inibe de expressar as suas opiniões:

*“[A] Je dy librement mon advis de toutes choses, voire et de celles qui surpassent à l'aventure ma suffisance, et que je ne tiens aucunement estre de ma jurisdiction. Ce que j'en opine, c'est aussi pour déclarer la mesure de ma veuë, non la mesure des choses”*<sup>214</sup>.

Montaigne renuncia a tarefa de querer provar através da razão humana aquilo que está, em última instância no domínio da fé. Ele é um homem que crê em Deus:

*“[A] Il a laissé en ces hauts ouvrages le caractere de sa divinité, et ne tient qu'à nostre imbecillité que nous ne le puissions découvrir”*<sup>215</sup>.

Uma quantidade importante de pessoas no mundo proclama a existência de Deus. Mas este Deus não pode ser conhecido racionalmente pelo homem.

*“Il s'en faut tant que nos forces conçoivent la hauteur divine, que, des ouvrages de nostre createur, ceux-là portent mieux sa marque et sont mieux siens, que nous entendons le moins”*<sup>216</sup>.

---

<sup>213</sup> Cf. *Les Essais*: II, 12, p. 539.

<sup>214</sup> *Les Essais*: II, 10, p. 410.

<sup>215</sup> *Les Essais*: II, 12, pp. 446-447.

<sup>216</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 499.

Relativamente à moral, Montaigne sustenta a tese de que a razão humana não tem o poder de determinar quais são os bons e os maus costumes, as boas e as más leis e normas para qualquer grupo social.

Diante da leitura que fizemos da “Apologie”, onde Montaigne apresenta uma crítica destruidora à razão, tirando-lhe quase todos os atributos recebidos durante toda a história da filosofia, podemos, portanto, perguntar-nos: qual é o papel da razão humana? A resposta a esta questão é muito complexa. A crítica montaigneana à razão não se limitou a menosprezar a ciência (filosofia), a “teologia racionalista” e as suas pretensões de querer dar explicações sobre questões de fé e de religião; atacou também profundamente o espírito humano, negando-lhe capacidades que na maioria das vezes são atributos da pretensão humana. Para ilustrar mais claramente esta ideia, será interessante fazer referência a uma passagem célebre do livro III, na qual Montaigne conta uma pequena história de um escravo chamado Esopo.

Conta-nos o autor que Esopo estava exposto à venda com dois outros escravos. Um comprador indagou de um deles que sabia fazer; este, para se valorizar, contou mil maravilhas (*monts et merveilles*). O segundo disse mais ainda. Quando chegou a sua vez, Esopo respondeu: “nada, eles já pegaram em tudo, eles sabem tudo”. Montaigne observa que verificou o mesmo nas escolas de filosofia. A arrogância, o orgulho (*fierté*) dos que atribuíram ao espírito humano a capacidade de tudo saber levou os outros a afirmar, por despeito ou contradição, que o espírito não era capaz de coisa alguma. Estes exaltavam ao extremo a ignorância, tal como aqueles glorificavam absurdamente a ciência. De modo que não há como negar que o homem é imoderado em tudo e só cessa quando forçado pela capacidade de ir além<sup>217</sup>.

Em suma, a “Apologie” nos apresenta um questionamento profundo em relação a todo o tipo de conhecimento, fundado na razão. Arruína os fundamentos deste conhecimento produzido pelos homens do saber, doutos e filósofos antigos. A estes “sábios”, em geral, que pensavam ser possuidores da verdade, Montaigne dirige uma crítica irónica:

« [C] Fiez vous à vostre philosophie ; vantez vous d'avoir trouvé la fève au gasteau [...] »<sup>218</sup>.

---

<sup>217</sup> Cf. *Les Essais*: II, 11, p. 1035.

<sup>218</sup> *Les Essais*: II, 12, p. 516. Esta citação faz referência à tradição de na Epifania compartilhar um bolo contendo uma fava; quem recebesse a fatia « premiada » era chamado « o rei da fava ». Tratava-se de algo, que, figuradamente, garantia uma espécie de vantagem.

# Bibliografia

---

## 1 - Obras de Michel de Montaigne

*Les Essais*, édition conforme au texte de l'exemplaire de Bordeaux par Pierre Villey, réédité sous la direction et avec un préface de V.-L. Saulnier augmenté en 2004 d'une préface et d'un supplément de Marcel Conche, Paris: Quadrigue/PUF, 2004 (edição de referência no nosso estudo).

*Essais*. Livre second, édition présentée, établie et annotée par Emmanuel Naya, Delphine Reguig-Naya et Alexandre Tarrête, Paris (?): Gallimard, 2009.

## 2. Estudos sobre Montaigne

AA. VV., *Le dictionnaire des Essais de Montaigne*. Paris (?): Éditions Léo Scheer, 2011.

AA. VV., *Montaigne et la révolution Philosophique du XVI siècle*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1992.

AURÉLIO, Diogo Pires. *Montaigne e Espinosa: tolerância céptica e tolerância racionalista*. In: *O Cepticismo e Montaigne*. Rui Bertrand Romão (org.) Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, pp. 141-160.

BIRCHAL, Telma de Souza. *O eu nos Ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BIGNOTTO, Newton. "Montaigne Renascentista". *Kriterion*, Revista do Departamento de Filosofia da UFMG, Belo Horizonte, XXXIII, 86, ago/dez, 1992, p. 29-41.

BUTOR, Michel. *Essais sur les essais*. Paris: Gallimard, 1968.

CATALAN, Étienne. *Études sur Montaigne, analyse de sa philosophie*. Paris: Heliier Frères, Librairie Religieuse, 1846.

CHAMPION, Edme. *Introduction aux Essais de Montaigne*. Paris: Armand Colin & Cie Éditeurs, 1900.

COMPAGNON, Antoine. *Nous, Michel de Montaigne*. Paris: Seuil, 1980.

CONCHE, Marcel. *Montaigne et la philosophie*. Paris: Puf, 1996.

\_\_\_\_\_ *Montaigne ou la conscience heureuse*. Paris: PUF, 2009.

DUARTE, Tiago Barros. *Skepticism and religion in Michel de Montaigne: two interpretations of apology for Raymond Sebond*. *Intuitio*, Porto Alegre V.2 – N° 3 Novembro 2009, pp. 298-307.

FILHO, Celso Martins Azar. *Montaigne e Sócrates: cepticismo, conhecimento e virtude*. In *Revista Portuguesa de Filosofia*. Tomo LVIII, Fasc. 4, 2002.

FRIEDRICH, Hugo. *Montaigne*. Traduzido do alemão por Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1967.

GIOCANTI, Sylvia. *Montaigne et les bêtes: La bêtise et l'animal dans les Essais de Montaigne*, Université de Toulouse-II Le Mirail/ UMR 5037 (ENS-Lyon), 2011.

HENDRICK, Philip. *Montaigne and Sebond: scepticism, faith and imagination*. In: *O Cepticismo e Montaigne*. Rui Bertrand Romão (org.) Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, pp. 83-102.

JEANSON, François. *Montaigne par lui-même*. Paris: Seuil, 1951.

LACOUTURE, Jean. *Montaigne à cheval (Montaigne a cavalo)*. Traduzido por F. Rangel. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1998.

LANUSSE, Maxime. *Montaigne*. Paris: Lecène, Oudin et Cie., Éditeurs, 1895.

LEVEAUX, Alphonse. *Étude sur les Essais de Montaigne*. Paris: Henri Plon Imprimeur-Éditeur, 1870.

MATHIEU-CASTELLANI, Gisèle, *Montaigne ou la vérité du mensonge*. Genève: Droz, 2000.

MONSIEUR L. *Le chistianisme de Montaigne*. Paris: Imprimerie de Demonville, 1819.

\_\_\_\_\_ *Montaigne: l'écriture de l'essai*. Paris: PUF, 1988.

NAKAM, Gérard. *Montaigne et son temps*. Paris: Gallimard, 1993.

RIGOLOT, François. *Le texte de la renaissance: des rhétoriciens à Montaigne*. Genève: Droz, 1982.

\_\_\_\_\_ *Les métamorphoses de Montaigne*. Paris: PUF, 1988.

RIVELINE, Maurice. *Montaigne et l'amitié*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1939.

ROMÃO, Rui Bertrand. *A apologia na balança: a reinvenção do pirrorismo na Apologia de Raimundo Sabunde de Michel de Montaigne*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *Montaigne e a reflexão moral no século XVI*. In: *Revista Olhar*, ano 04, nº 7, jan-jun / 03, pp. 76-85.

STAROBINSKI, Jean. *Montaigne en mouvement*. Paris: Gallimard, 1982.

STROWSKI, Fortunat. *Montaigne*. Paris: Félix Alcan Éditeurs, 1906.

VERDAN, André. *Le scepticisme philosophique*. Paris-Montréal: Bordas, 1971.

VILLEY, Pierre. *Les sources et l'évolution des essais de Montaigne*, Tome Premier. Paris: Librairie Hachete, 1908.

\_\_\_\_\_. *Les sources et l'évolution des essais de Montaigne*, Tome Second. Paris: Librairie Hachete, 1908.

\_\_\_\_\_. *Montaigne devant la postérité*. Paris: Ancienne Librairie Furne – Boivin et Cie Éditeurs, 1935.

WEILLER, Maurice. *Pour connaître la pensée de Montaigne*. Paris: Bordas, 1948.

### **3 – Outras obras citadas**

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I e II. Tradução do grego por Vincenzo Cocco. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984.

CASSIRER, Ernst. *An essay on man*. Tradução portuguesa de Carlos Branco: *Ensaio sobre o homem*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995.

*Nouveau Testament. Traduction Oecuménique de la Bible*. Paris: PUF, 1977.

SEXTUS EMPIRICUS. *Les hipotiposes ou institutions pirroniennes*. Trad. do grego por Claude Huart. Amsterdam: Barbier, MDCC XXV.

AA. VV., *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.